

2 PEDRO

ÍNDICE

2 PETER

WILLIAM BARCLAY
Título original em inglês:
The Second Letter of Peter

Tradução: Carlos Biagini

O NOVO TESTAMENTO Comentado por William Barclay

... Introduce e interpreta a totalidade dos livros do NOVO TESTAMENTO. Desde Mateus até o Apocalipse William Barclay explica, relaciona, dá exemplos, ilustra e aplica cada passagem, sendo sempre fiel e claro, singelo e profundo. Temos nesta série, por fim, um instrumento ideal para todos aqueles que desejem conhecer melhor as Escrituras. O respeito do autor para a Revelação Bíblica, sua sólida fundamentação, na doutrina tradicional e sempre nova da igreja, sua incrível capacidade para aplicar ao dia de hoje a mensagem, fazem que esta coleção ofereça a todos como uma magnífica promessa.

**PARA QUE CONHEÇAMOS MELHOR A CRISTO
O AMEMOS COM AMOR MAIS VERDADEIRO
E O SIGAMOS COM MAIOR EMPENHO**

ÍNDICE**Prefácio****Introdução Geral****Introdução a Segunda Pedro****Capítulo 1 Capítulo 2 Capítulo 3****PREFÁCIO A TIAGO, 1 E 2 PEDRO**

A Epístola de *Tiago* sofreu longamente por causa das severas críticas de que foi objeto por parte de Martinho Lutero. Não é possível esquecer facilmente que Lutero a chamou "uma simples epístola de palha", afirmando, além disso, que não pôde encontrar nela a Cristo (Os Prefácios Bíblicos de Lutero, inclusive o Prefácio a *Tiago*, podem ser encontrados em *Reformation Writings of Martin Luther*, vol. II, traduzidos por Bertram Lee Woolf). Inevitavelmente a pessoa se aproxima de *Tiago* sentindo que se trata de um dos livros menos importantes do Novo Testamento. Entretanto, em meu caso particular, quanto mais me aproximei da Epístola de *Tiago* tanto mais significativa resultou para mim esta breve carta. E. U. Blackman cita este veredicto de Marty a respeito de *Tiago*: "A Epístola é uma obra mestra de vigorosa e reverente simplicidade". Pode ocorrer que algum leitor comece o estudo de *Tiago* como um dever mas que — assim como eu — o termine como um deleite.

A Epístola de *Tiago* foi afortunada quanto a comentaristas. Em primeiro lugar estão os comentários do texto grego. O de J. B. Mayor, nos Comentários Macmillan, é uma das maiores obras deste gênero na língua inglesa. O de J. H. Ropes no *International Critical Commentary* é um modelo de equilibrada e metódica erudição. O de W. O. E. Oesterley no *Expositor's Greek Testament* é muito útil e, tal como se pode esperar de seu erudito autor, é especialmente esclarecedor com respeito ao pensamento e às crenças judias que formam o pano de fundo da Carta. O

de A. Carr en el *Cambridge Greek Testament for Schools and Colleges* é de menores proporções mas, mesmo assim, muito proveitoso.

Em segundo lugar temos os comentários ao texto inglês. No *Moffatt Commentary* James Moffatt preparou o volume correspondente às Epístolas Gerais, das que *Tiago* forma parte. Trata-se de um trabalho muito útil, ainda que algo superficial. Dentre os comentários de bem recente publicação o de R. V. G. Tasker nos *Tyndale Commentaries* representa uma erudição conservadora em sua melhor expressão e é de grande utilidade. O volume correspondente nos *Torch Commentaries*, por E. C. Blackman, é um dos mais destacados dessa série. O comentário por B. S. Easton em *The Interpreter's Bible* é estimulante e inspirador.

Para mim mesmo *Tiago* foi um redescobrimento. Tenho a esperança de que o presente Comentário possa também ajudar a outros a descobrir esta Epístola.

Primeira e *Segunda Pedro* são Cartas muito distintas. Por sua calidez e simplicidade. *Primeira Pedro* é uma das mais apreciadas Epístolas do Novo Testamento. Pelo contrário, *Segunda Pedro* (assim como *Judas*, com a qual está estreitamente relacionada) é um Livro principalmente esquecido. *Segunda Pedro* e *Judas* se movem num mundo em grande medida desconhecido para nós, mundo este estranho até mesmo para o estudioso da Bíblia. Grande parte das figuras e alegorias, assim como a do pensamento e ilustrações destas Epístolas, não são tiradas do Antigo Testamento mas sim da literatura escrita no período intermediário entre os dois Testamentos. Esta literatura é quase desconhecida para nós, mas naquele então era imensamente popular. Por tal razão nossas explicações a respeito do texto de *Segunda Pedro* tiveram que ser um tanto extensas. Sei que requererá certo esforço mover-se através de *Segunda Pedro*, mas também sei que tal esforço será, em definitiva, amplamente justificado.

As duas Epístolas de Pedro e a de Judas são com freqüência encaradas junto nos Comentários. As três Epístolas são tratadas num só volume no *International Critical Commentary* por C. Bigg, volume este

que é produto de erudição sadia ainda que conservadora. Deste modo aparecem num mesmo volume, por E. H. Plumptre na *Cambridge Bible for Schools and Colleges*, obra que hoje é antiga, mas ainda está cheia de esclarecedora sabedoria. Também são encaradas junto por James Moffatt no volume sobre *The General Epistles* del *Moffatt Commentary*.

Sobre *Primeira Pedro* há dois notáveis comentários modernos. O denso trabalho de E. G. Selwyn nos *Macmillan Commentaries* já ocupou seu lugar entre os grandes comentários em língua inglesa. O comentário de F. W. Beare é muito mais radical em suas conclusões, mas reveste singular importância. Pessoalmente tenho uma especial dívida de gratidão com a breve exposição de C. E. B. Cranfield, obra mestra de sucinta mas lúcida e iluminadora exposição. Minha dívida para com tal obra faz-se evidente em cada página de meu próprio livro. Em *The Interpreter's Bible* a exposição a cargo de A. M. Hunter é definidamente proveitosa. No *Cambridge Greek Testament for Schools and Colleges* há um avultado e útil volume sobre *Primeira Pedro* escrito por G. W. Blenkin.

A bibliografia sobre *Segunda Pedro* é muito menos abundante. Os Comentários Macmillan incluem um extenso volume sobre *Segunda Pedro*, junto com *Judas*, escrito por J. B. Mayor. Trata-se de um monumento de erudição neotestamentária e clássica comparável com o volume que o mesmo autor dedicou a *Tiago*. No *Cambridge Greek Testament for Schools and Colleges* há um excelente ainda que breve volume escrito por M. R. James.

Nada jamais diminuirá o atrativo de *Primeira Pedro*. Por sua parte, pode ser que *Segunda Pedro* não tenha a mesma fascinação, mas poucos livros há no Novo Testamento que melhor nos capacitem para perceber os insidiosos ataques que foram feitos contra a doutrina e contra a ética cristãs em dias da Igreja primitiva. Contra tais ataques os escritores do Novo Testamento tiveram que erigir suas defesas, razão pela qual este documento bíblico resulta de suma importância.

É minha esperança e meu rogo a Deus que esta exposição capacite aos quais a leiam para valorizar e apreciar mais as epístolas aqui comentadas.

William Barclay.

Trinity College,
Glasgow,
março de 1956.

INTRODUÇÃO GERAL

Pode dizer-se sem faltar à verdade literal, que esta série de Comentários bíblicos começou quase acidentalmente. Uma série de estudos bíblicos que estava usando a Igreja de Escócia (Presbiteriana) esgotou-se, e se necessitava outra para substituí-la, de maneira imediata. Fui solicitado a escrever um volume sobre Atos e, naquele momento, minha intenção não era comentar o resto do Novo Testamento. Mas os volumes foram surgindo, até que o encargo original se converteu na idéia de completar o Comentário de todo o Novo Testamento.

Resulta-me impossível deixar passar outra edição destes livros sem expressar minha mais profunda e sincera gratidão à Comissão de Publicações da Igreja de Escócia por me haver outorgado o privilégio de começar esta série e depois continuar até completá-la. E em particular desejo expressar minha enorme dívida de gratidão ao presidente da comissão, o Rev. R. G. Macdonald, O.B.E., M.A., D.D., e ao secretário e administrador desse organismo editar, o Rev. Andrew McCosh, M.A., S.T.M., por seu constante estímulo e sua sempre presente simpatia e ajuda.

Quando já se publicaram vários destes volumes, nos ocorreu a idéia de completar a série. O propósito é fazer que os resultados do estudo erudito das Escrituras possam estar ao alcance do leitor não especializado, em uma forma tal que não se requeiram estudos teológicos

para compreendê-los; e também se deseja fazer que os ensinamentos dos livros do Novo Testamento sejam pertinentes à vida e ao trabalho do homem contemporâneo. O propósito de toda esta série poderia resumir-se nas palavras da famosa oração de Richard Chichester: procuram fazer que Jesus Cristo seja conhecido de maneira mais clara por todos os homens e mulheres, que Ele seja amado mais entranhadamente e que seja seguido mais de perto. Minha própria oração é que de alguma maneira meu trabalho possa contribuir para que tudo isto seja possível.

INTRODUÇÃO A SEGUNDA PEDRO

O Livro esquecido e seu conteúdo

Bem pode dizer-se que Segunda Pedro é um dos livros mais esquecidos do Novo Testamento. É um livro que muito poucos dizem ter lido e menos ainda ter estudado em detalhe.

E. F. Scott afirma que é "nitidamente inferior a Primeira Pedro em todos os seus detalhes" e que "é o menos valioso de todos os escritos do Novo Testamento". Como veremos, só com grandes dificuldades pôde Segunda Pedro obter sua entrada no Novo Testamento, pois durante muitíssimos anos a Igreja cristã pareceu não advertir sua existência. Mas antes de focar a história desta Epístola, vejamos o conteúdo da mesma.

Os homens iníquos

Segunda Pedro foi escrita para combater as crenças e as atividades de certos homens que eram uma ameaça para a igreja. Começa dizendo que o cristão fugiu da corrupção do mundo (1:4), e que sempre deve lembrar que foi purificado de seus antigos pecados (1:9) e que lhe é imposto o dever moral da santidade e da bondade que culminam na grande virtude cristã do amor (1:5-8).

Definamos agora as características morais das pessoas repreendidas por Segunda Pedro. São homens que tergiversam as Escrituras para fazê-las concordar com seus próprios fins (1:20; 3:16). Desacreditam a fé cristã (2:2). São ambiciosos de vantagens e por isso exploram a seu próximo (2:3, 14-15). Estão condenados a participar do destino dos anjos pecadores (2:4), dos homens anteriores ao dilúvio (2:5), dos habitantes de Sodoma e Gomorra (2:6) e do falso profeta Balaão (2:15). São como bestas irracionais, regidas por seus instintos animais (2:12) e dominadas por suas concupiscências (2:10; 2:18). Seus olhos estão cheios de adultério (2:14). São arrogantes e vaidosos (2:10, 18). Até a pleno dia se mostram em suas orgias desenfreadas (2:13). Falam de liberdade mas o que eles chamam liberdade é desmedida licença, e eles próprios são escravos de seus próprios desejos impuros (2:19). Não só se enganam a si mesmos, mas também enganam a outros e os desencaminham (2:14, 18). São piores que aqueles que nunca conheceram o correto, porque conhecendo o que é bom e tendo reincidido na maldade, são como o cão que retorna a seu vômito e como o porco que volta para a lama depois de ter sido lavado (2:20-22).

É evidente que o apóstolo está descrevendo pessoas que eram antinomianas, que usavam a graça de Deus como justificação e desculpa para pecar. É provável tratar-se de gnósticos, aqueles que diziam que só o espírito é bom, enquanto que a matéria é essencialmente má. Portanto — segundo eles — não importa o que façamos com o corpo; podemos saciar os apetites até a indigestão pois isto nada afeta. Levavam a classe de vida mais imoral e induziam a outros a fazer o mesmo. Justificavam esses atos mediante seu tergiversado conceito da graça e desvirtuavam as Escrituras para fazê-las concordar com suas próprias opiniões.

A negação da Segunda Vinda

Além disso, estes ímpios negavam a Segunda Vinda (2:3-4). Aduziam que este era um mundo estável onde as coisas permaneciam

sem alteração, no mesmo estado, e que Deus demorava tanto que já era possível deduzir que a Segunda Vinda nunca teria lugar. A resposta de Segunda Pedro é que este não é um mundo estável, que em realidade foi já destruído pela água no dilúvio, e que tem que ser destruído pelo fogo na conflagração final (3:5-7). O que eles consideram como tardança de parte de Deus é em realidade que O está retendo pacientemente sua mão para conceder aos homens uma oportunidade mais se arrependem (3:8, 9). Mas o dia da destruição se aproxima (3:10). Um novo céu e uma nova terra já estão a caminho; portanto, uma vida pura é de absoluta necessidade se o homem for salvo no dia do juízo (3:11-14). Paulo concorda nisto, face ao difícil de entender que podem ser suas Cartas e face à deliberada má interpretação que delas fazem os falsos mestres (3:16). É dever cristão manter-se firme, solidamente baseado na fé, e crescer na graça e no conhecimento de Jesus Cristo (3:17-18).

As dúvidas da Igreja primitiva

Tal é o conteúdo desta Carta que durante longo tempo foi considerada com incerteza e com algo assim como receio. Não há nenhum vestígio dela até depois do ano 200 d.C. Não está incluída no Cânon Muratório, que data do ano 170 d.C. e que constitui a primeira lista oficial dos livros do Novo Testamento. Não figurava na antiga versão latina das Escrituras e tampouco existia no Novo Testamento da primitiva Igreja de Síria.

Os grandes eruditos de Alexandria ou não conheciam esta Epístola ou tinham dúvida quanto a ela. Clemente de Alexandria — que escreveu esboços dos livros da Escritura — parece não ter incluído Segunda Pedro. Orígenes diz que Pedro deixou uma Epístola que geralmente é reconhecida como dele; "talvez também uma segunda, mas este é um assunto discutido". Dídimo comentou sobre a mesma mas concluiu expressando: "Não deve esquecer que esta Carta é espúria; pode ser lida em público, mas não forma parte do cânon da Escritura".

Eusébio, o grande erudito da Cesárea, fez uma rigorosa investigação da literatura cristã de sua época e chegou à seguinte conclusão: "De Pedro, uma Epístola — que é chamada sua Primeira — é reconhecida por todos; dela os antigos presbíteros têm feito uso freqüente em seus escritos considerando-a como inquestionavelmente genuína. Mas aquela que circula como sua Segunda Epístola, nós a recebemos como não canônica, ainda que, ao que parece, resultou útil a muitos, foi diligentemente lida junto com o resto das Escrituras".

Segunda Pedro não ingressou no cânon do Novo Testamento até bem avançado no século IV.

As objeções

É uma opinião quase unânime entre os eruditos, antigos e modernos, que Pedro não é o autor de Segunda Pedro. Até João Calvino considerou impossível que Pedro tivesse podido falar de Paulo da maneira em que Segunda Pedro refere-se a ele (3:15-16), ainda que preferia crer que Segunda Pedro foi escrita por algum outro a pedido do apóstolo. Mas Calvino não estava disposto a aceitar que a Carta, tal como a temos, pudesse vir da mão de Pedro. Quais são, pois, os argumentos contra a paternidade literária de Pedro sobre esta Carta?

(1) Em primeiro lugar temos a extrema lentidão, e até relutância, da Igreja primitiva para aceitá-la. Se tivesse sido verdadeiramente de Pedro, não há dúvida de que a Igreja toda a tivesse recebido calorosamente e a tivesse honrado de um princípio. Mas, como já vimos, o caso foi muito distinto. Durante os dois primeiros séculos a epístola não é citada absolutamente em nenhuma circunstância verificada; é considerada com dúvida e suspicácia durante mais de um século, e só a fins do século IV é aceita.

(2) Por seu conteúdo é difícil crer que pertença a Pedro. Não se menciona nem a paixão, nem a ressurreição, nem a ascensão de Jesus Cristo. Não há menção da Igreja como o verdadeiro Israel; não há

menção daquela fé que é invencível esperança e segurança combinadas; não há menção do Espírito Santo, nem da oração, nem do batismo, nem figura nada do apaixonado desejo de convocar aos homens para que sigam o exemplo de Cristo. Se de Primeira Pedro alguém omitisse todas estas verdades ficaria pouco ou nada; entretanto, nada disto aparece em Segunda Pedro.

(3) Difere completamente em caráter e estilo de Primeira Pedro. Isto se advertiu em época tão anterior como a de Jerônimo. Este assinalou: "Simão Pedro escreveu duas Epístolas que são chamadas católicas, das quais a autenticidade da segunda é negada por muitos por causa de seu diferente estilo a respeito da primeira". O estilo do grego desta segunda Epístola é muito dificultoso. Clogg o denomina pedante, artificial e escuro, e sublinha que é o único livro do Novo Testamento que pode ser melhorado pela tradução. O bispo Chase escreveu: "A Epístola certamente produz a impressão de ser uma peça artificial de retórica. Através de toda ela são evidentes os afetações. O autor parece ter a ambição de escrever num estilo que está mais além de sua capacidade literária". Termina dizendo que é difícil relacionar o caráter desta Carta com a hipótese de que a tenha escrito Pedro.

Moffat, por sua parte, comenta: "Segunda Pedro é mais periódica e ambiciosa que Primeira Pedro mas seus esforços lingüísticos e estilísticos só revelam por sua densa escuridão que é decididamente inferior em concepção, o que a afasta de Primeira Pedro".

Pode-se argüir, como fez Jerônimo, que Pedro teve a Silvano como amanuense para sua primeira Carta mas que se viu obrigado a recorrer a outro para a segunda, o que explicaria a diferença de estilo.

Mas J. B. Major compara as duas Epístolas e ao citar algumas passagens da Primeira opina:

"Creio que ninguém que leia estas palavras poderá deixar de sentir que nem sequer em Paulo, nem mesmo em João, há uma descrição mais bela e vivida do segredo do cristianismo primitivo e daquela força que venceu o mundo que o perfeito quaterno de fé, esperança, amor e alegria de que está impregnada nesta breve Epístola[1 Pedro] Mas ninguém poderia afirmar o

mesmo com relação à segunda Carta. Sugestiva e interessante como é, carece entretanto dessa intensa simpatia, desse ardente amor que distingue a Primeira Pedro... Nenhuma modificação de circunstâncias pode explicar a mudança de tom do qual somos conscientes ao passar de uma Epístola a outra".

Este distinto estudioso conservador chega à conclusão de que a única forma de explicar não só a diferença de estilo, mas também toda a distinta atmosfera entre Primeira e Segunda Pedro é reconhecer a existência de distintos autores. É verdade, de um ponto de vista puramente lingüístico, que em Primeira Pedro aparecem 369 palavras que não se acham em Segunda Pedro, e que há outras 230 palavras que estando em Segunda Pedro não figuram na primeira Carta. Mas isto é mais que uma diferença de estilo. Um escritor pode mudar seu estilo e seu vocabulário para adaptá-lo a seus leitores e ao momento em que escreve. Mas a mudança de atmosfera e de atitude entre uma e outra Carta é tão amplo que muito dificilmente a mesma pessoa poderia ter escrito ambas as Epístolas.

(4) Há certos detalhes em Segunda Pedro que quase inevitavelmente assinalam uma data posterior. É evidente que ocorreu tanto tempo que já os homens começaram a abandonar por completo a esperança de uma Segunda Vinda (3:4). Os apóstolos são mencionados como figuras do passado (3:2). Os pais, quer dizer, os fundadores da fé cristã são agora personagens de um distante e impreciso passado; transcorreram gerações entre esta Carta e o advento da fé cristã (3:4).

Há referências que, para poderem ser explicadas, requerem o passo dos anos. A alusão à próxima morte de Pedro parece muito semelhante à profecia de Jesus em João 21:18-19, e o Quarto Evangelho não foi escrito até aproximadamente o ano 100 D.C. A afirmação de que Pedro vai deixar algo que continuará seu ensino depois de sua partida (1:12-15) parece ser uma provável alusão ao Evangelho de Marcos.

Mas, acima de tudo, está a referência às Cartas de Paulo (3:15-16). Segundo esta passagem, é evidente que as Cartas de Paulo são conhecidas e usadas em toda a Igreja; são de propriedade comum e, além

disso, são consideradas como Escritura e ao mesmo nível de "as outras Escrituras" (3:16). Até aproximadamente o ano 90 d.C. as Cartas de Paulo não foram compiladas e publicadas e certamente tiveram que passar muitos anos antes de que elas adquirissem a categoria de Sagrada Escritura. É quase impossível que alguém pudesse escrever nesta forma até mediados do século II.

Toda a evidência coincide para demonstrar que Segunda Pedro é um livro tardio. Só no século II ele é citado de algum modo. Os grandes estudiosos da Igreja primitiva não o consideravam como obra de Pedro, ainda que tampouco negavam sua utilidade. A Carta contém referências que só o transcurso do tempo pode explicar. O interesse especial de Segunda Pedro reside em que foi o último livro do Novo Testamento a ser escrito e também o último a ser admitido no cânon.

Com o nome de Pedro

Como é, então, que esta Epístola aparece relacionada com o nome de Pedro? A resposta é que foi deliberadamente ligada a esse nome. A nós isto pode parecer um procedimento muito estranho, mas devemos lembrar que no mundo antigo esta era uma prática bastante comum e normal. Para tomar um exemplo do mundo clássico, as cartas de Platão não foram escritas por este, mas por seu discípulo em nome de seu mestre. Os judeus reiteradamente utilizaram este procedimento para escrever. No período intermediário entre o Antigo e o Novo Testamento escreveram-se livros sob os nomes de Salomão, Isaías, Moisés, Baruque, Esdras, Enoque e muitos outros. E nos tempos do Novo Testamento aparece em realidade toda uma literatura em torno do nome de Pedro. Temos assim o Evangelho de Pedro, a Pregação de Pedro, o Apocalipse de Pedro.

Há um fato destacado que faz com que este método de escritura seja ainda mais inteligível. Os hereges mesmos o usaram. Usando o nome dos grandes apóstolos, os hereges publicavam livros enganadores e

prejudiciais. Pretendiam que tais escritos eram o ensino secreto dos célebres fundadores da Igreja, ensino que lhes tinha sido transmitido verbalmente. Diante deste problema a Igreja replicou de maneira semelhante e fez publicar livros nos quais certos escritores definiam para sua própria geração as coisas que eles estavam seguros que os apóstolos teriam dito se tivessem tido que encarar essa nova situação. Nada tem de estranho ou indecoroso em que um livro seja publicado sob o nome de Pedro, embora o próprio Pedro não o tenha escrito. Quando algum grande mestre anônimo procedia assim, somente estava fazendo o que era comum em seus dias e em sua geração. Era um homem humilde que estava pondo nos lábios de Pedro a mensagem que o Espírito Santo lhe tinha dado, e isto devido ao fato de que ele pensava que seu próprio nome era totalmente indigno de aparecer encabeçando o livro.

Não encontraremos fácil a leitura de Segunda Pedro. Entretanto, temos aqui um livro da maior importância porque foi escrito para combater as idéias daqueles que estavam minando a ética e a doutrina cristãs. E isto tinha que ser contido antes que a própria fé cristã fosse corrompida pela anulação da verdade.

2 Pedro 1

[O homem que abriu portas - 1:1](#)

[A gloriosa servidão - 1:1 \(cont.\)](#)

[A suprema importância do conhecimento - 1:2](#)

[A grandeza de Jesus Cristo para os homens - 1:3-7](#)

[O equipamento para o caminho - 1:3-7 \(cont.\)](#)

[A escala de virtudes - 1:3-7 \(cont.\)](#)

[A escala de virtudes - 1:3-7 \(cont.\)](#)

[Em marcha - 1:8-11](#)

[O cuidado do pastor - 1:12-15](#)

[A mensagem e o direito de declará-la - 1:16-18](#)

[As palavras dos profetas - 1:19-21](#)

O HOMEM QUE ABRIU PORTAS**2 Pedro 1:1**

Esta Carta começa com uma alusão muito sutil e bela. Isto pelo menos para aqueles que tenham perspicácia e conhecimento suficiente do Novo Testamento para poder captá-la. Pedro escreve “aos que conosco obtiveram fé igualmente preciosa na justiça do nosso Deus e Salvador Jesus Cristo” e chama-se a si mesmo *Simão Pedro*. Quem era essa gente? Só pode haver uma resposta. Trata-se de pessoas que uma vez devem ter sido gentios em contraposição aos judeus que em maneira única eram os escolhidos de Deus. Aqueles que uma vez não eram povo são agora o povo escolhido de Deus (1 Pedro 2:10); aqueles que uma vez estiveram afastados e alheios à cidadania de Israel, aqueles que tendo estado longe, foram agora aproximados (Efésios 2:11-13). Pedro expressa isto muito vividamente, usando uma palavra que imediatamente tocava uma corda sensível na mente daqueles que a ouvissem.

A fé deles é *igual em honra e privilégio*. A palavra em grego é *isotimos*; *isos* significa *igual* e *teme* significa *honra*. Esta palavra usava-se particularmente com referência a forasteiros e estrangeiros aos quais lhes era concedida plena cidadania na cidade que habitavam.

Josefo, por exemplo, escrevendo a respeito de Antioquia, diz que ali aos judeus eram concedidos os direitos da cidadania e eram feitos *isotimoi* (iguais em honra e privilégio) que os macedônios e os gregos que ali viviam. De maneira que Pedro está dirigindo sua Carta àqueles que uma vez tinham sido gentios desprezados, mas agora possuíam iguais direitos que os judeus — e até que os próprios apóstolos — na cidade e no reino de Deus.

Duas coisas se devem destacar com relação a este grande e magnífico privilégio que foi estendido aos gentios.

(a) Foi-lhes *outorgado* (adjudicado) quer dizer: não se o ganharam eles mesmos nem tampouco o mereceram; chegou-lhes sem mérito algum de parte deles. Assim como um prêmio favorece a alguém sobre

quem tem caído a sorte, sem esforço alguém de sua parte. Em outras palavras: sua nova cidadania e sua nova honra eram totalmente produto da graça.

(b) Chegou-lhes mediante a imparcial justiça de seu Deus e Salvador Jesus Cristo. Chegou-lhes porque para Deus não há acepção de pessoas, não existe a "cláusula de nação mais favorecida", não há *herrenvolk* ou raça de senhores; a graça de Deus, o favor de Deus e os privilégios de Deus alcançam sem distinção a todo povo da Terra.

Agora, o que isto tem a ver com o nome de *Simão* pelo qual é chamado aqui o apóstolo? No Novo Testamento o mais freqüente é que Pedro seja chamado precisamente Pedro; às vezes também é chamado Simão, o qual, certamente, era seu nome original antes de Jesus lhe dar o nome de Cefas ou Pedro (João 1:41-42), mas somente mais uma vez em todo o resto do Novo Testamento é chamado *Simão*. Onde? É no relato a respeito do Concílio de Jerusalém, em Atos 15, quando se decidiu que as portas da Igreja fossem totalmente abertas aos gentios. Ali Tiago diz: “Expôs Simão como Deus, primeiramente, visitou os gentios, a fim de constituir dentre eles um povo para o seu nome” (Atos 15:14).

Em realidade a única outra ocasião em que Pedro é chamado *Simão* é quando se torna o principal promotor para abrir as portas da Igreja aos gentios. Aqui, nesta Carta, Pedro começa saudando os gentios aos quais concedeu, pela graça de Deus, privilégios de igual cidadania no reino ao mesmo tempo dos judeus e dos apóstolos, e é chamado pelo nome de Simão. A outra oportunidade em que é mencionado por este nome é quando foi o principal instrumento mediante o qual dito privilégio foi concedido.

Quando Pedro é chamado Simão, o nome leva em si mesmo a lembrança de que Pedro é o homem que abriu as portas. Abriu a porta a Cornélio, o centurião gentil (Atos 10); no concílio de Jerusalém seu grande autoridade fez inclinar a balança no sentido de abrir as mesmas portas (Atos 15). Chamar Pedro pelo nome de Simão é lembrá-lo como aquele que abre portas.

A GLORIOSA SERVIDÃO**2 Pedro 1:1 (continuação)**

Pedro chama-se a si mesmo o *servo* de Jesus Cristo. A palavra equivalente a servo é *doulos* e, mais que servo, significa escravo. Ainda que pareça estranho, este é um título, e ao que parece um título humilhante, mas que os mais altos personagens o aceitaram como título da maior honra. Moisés, o grande condutor e legislador era o *doulos* de Deus (Deuteronômio 34:35; Salmo 105:26; Malaquias 4:4). Josué, o grande chefe, era o *doulos* de Deus (Josué 24:19). Davi, o maior de todos os reis, era o *doulos* de Deus (2 Samuel 3:18; Salmo 78:70). No Novo Testamento, Paulo é o *doulos* de Jesus Cristo (Romanos 1:1; Filipenses 1:1; Tito 1:1); título que tanto Judas (1:1) como Tiago (1:1) reclamam para si com orgulho. No Antigo Testamento os profetas são os *douloi* de Deus (Amos 3:7; Isaías 20:3). No Novo Testamento o *servo* de Cristo se converte no título do cristão, este é o *doulos* de Cristo (Atos 2:18; 1 Coríntios 7:22; Efésios 6:6; Colossenses 4:12; 2 Timóteo 2:24). Aqui há profundo significado.

(1) Chamar o cristão o *doulos* de Deus significa que o cristão é possessão inalienável de Deus. No mundo antigo o amo possuía seus escravos da mesma maneira que era proprietário de suas ferramentas. Um servo pode mudar de amo, mas não um escravo. O cristão pertence a Deus em forma inalienável.

(2) Chamar o cristão o *doulos* de Deus significa que o cristão está incondicionalmente à disposição de Deus. No mundo antigo o amo podia fazer com seu escravo o que quisesse. Tinha sobre seus escravos o mesmo domínio que sobre suas propriedades móveis e imóveis. O cristão pertence a Deus, Deus o envia aonde Ele deseja e faz com ele o que quer. O cristão é uma pessoa sem direitos próprios porquanto todos os seus direitos foram entregues a Deus.

(3) Chamar o cristão o *doulos* de Deus significa que o cristão deve a Deus uma indisputável obediência. A antiga lei era tal que uma ordem do

amo era a única lei do escravo. Até no caso de que lhe fosse mandado fazer algo que em realidade quebrantava a lei, não devia protestar, porque no que a ele se referia a ordem do amo era a lei. Em qualquer situação o cristão não tem senão uma só pergunta a fazer: "Senhor, que queres que eu faça?" A vontade de Deus é sua única lei.

(4) Chamar o cristão o *doulos* de Deus significa que o cristão deve estar constantemente a serviço de Deus. No mundo antigo o escravo literalmente não tinha tempo disponível para si mesmo, não havia para ele dias de festa, nem tempo livre, nem horário de trabalho estabelecido por acordo mútuo, nem férias. Todo seu tempo pertencia ao amo. O cristão não pode setorizar sua vida estabelecendo períodos e atividades que pertencem a Deus e outros em que pode fazer o que lhe agrada. O seguidor de Cristo é uma pessoa que necessariamente dedica cada momento de sua vida e de seu tempo a serviço de Deus.

Notemos que há aqui uma expressão extremamente interessante. O apóstolo fala da justiça imparcial de *nosso Deus e Salvador Jesus Cristo*. O interessante disto é que rara, muito raramente o Novo Testamento emprega estes termos. Em realidade aqui Jesus é chamado Deus. O único paralelo real com isto é aquele caso em que Tomé, reconhecendo que o Ressuscitado era realmente o Senhor, exclama em adoração: "Senhor meu e Deus meu!" (João 20:28). Este não é um assunto que possa ser matéria de discussão de modo nenhum. Nem sequer é uma questão de teologia, porque para Pedro e para Tomé dar a Jesus o nome de Deus não era coisa de teologia, mas sim uma expressão transbordante de sua adoração. Simplesmente era que nas profundidades de sua emoção e na glória de sua admiração careciam de termos humanos capazes de conter essa pessoa a qual eles conheciam como Senhor.

A SUPREMA IMPORTÂNCIA DO CONHECIMENTO**2 Pedro 1:2**

Pedro se expressa aqui de uma maneira insólita. A graça e a paz têm que proceder do *conhecimento*, do conhecimento de Deus e de Jesus Cristo nosso Senhor.

O que é que quer ele nos dizer com isto? Está acaso convertendo a experiência cristã em algo que depende do conhecimento? Ou há aqui algum outro significado? Primeiro vejamos a palavra que usa o apóstolo para expressar a idéia de conhecimento: *epignosis*. Esta palavra pode ser interpretada em dois sentidos.

(a) Pode significar *conhecimento crescente*. *Gnosis* é a palavra que normalmente se usa em grego para denotar a idéia de conhecimento, e aqui aparece precedida pela preposição *epi* que significa *para com, em direção a*. *Epignosis* então poderia ser interpretado como conhecimento que sempre está avançando em direção daquilo que busca conhecer. A graça e a paz são multiplicadas ao cristão e aumentam cada vez mais à medida que vai conhecendo Jesus Cristo cada vez melhor. Como se tem dito: "Quanto mais compreendem os cristãos o significado da graça e de Jesus Cristo tanto mais compreendem o significado da graça e da experiência de paz". Quanto melhor conhecemos Jesus, tanto mais nos maravilhamos da graça e tanto mais real é nossa experiência da paz que ultrapassa todo entendimento.

(b) *Epignosis* tem um segundo significado. Em grego freqüentemente quer dizer *conhecimento pleno*. Plutarco, por exemplo, usa este termo para referir-se ao conhecimento científico da música em contraste com o conhecimento que tem um simples aficionado. De maneira que a implicação aqui pode ser que o conhecimento de Jesus Cristo é aquilo que poderíamos chamar a "ciência principal da vida". As outras ciências podem proporcionar nova destreza, novo conhecimento, novas capacidades mas somente a ciência principal, o conhecimento de

Jesus Cristo outorga a graça que os homens necessitam e a paz que seus corações desejam.

Mas ainda há mais. Pedro usa palavras que usualmente estavam nos lábios dos pagãos de seu tempo e as carrega com uma nova plenitude de significado. Agora, "conhecimento" era uma palavra muito utilizada no pensamento religioso pagão nos dias em que esta carta foi escrita. Para tomar um só exemplo, os gregos definiam *sofia*, que significa *sabedoria*, como o conhecimento das coisas tão humanas como divinas. Os gregos buscadores de Deus procuravam alcançar este conhecimento por dois meios principais.

(a) Buscavam-no mediante a especulação filosófica. Tratavam de alcançar a Deus mediante o puro poder do pensamento humano. Nisto há evidentes dificuldades. Por um lado, Deus é infinito e a mente humana é finita; e o finito nunca pode captar o infinito. Muito tempo antes Zofar tinha perguntado: "Poderás descobrir as cousas profundas de Deus?" (Jó 11:7). Se Deus tiver que ser conhecido jamais deverá sê-lo através de que mente humana o descubra, mas sim porque Ele decida dar-se a conhecer. Por outro lado, se a religião está baseada na especulação filosófica, evidentemente terá que ficar reservada a só uns poucos, porque nem a toda pessoa é dado ser filósofo, e assim as almas simples sempre ficarão afastadas de Deus, Qualquer que fosse o significado que Pedro quis dar à palavra *conhecimento* com certeza que não é este.

(b) Buscavam-no mediante a experiência mística. Tratavam de achá-lo através da experiência mística com o divino até que pudessem dizer "Eu sou Você, e Você é eu". Esta era a modalidade das religiões de mistérios. Estas religiões eram todas como dramas da paixão, eram a representação dramatizada de algum deus que sofreu, que morreu e que ressuscitou. O iniciado era preparado cuidadosamente mediante instrução especial no significado íntimo do relato, mediante prolongado jejum, continência e através de um deliberado incremento da tensão psicológica. Representava-se então o drama com uma magnífica liturgia, com música sensual, com bem calculada iluminação, com a queima de

incenso. O propósito era que ao observar o iniciado todo isto pudesse participar tão profundamente da experiência que em realidade chegasse a identificar-se com o sofredor, ressuscitado e eternamente triunfante deus.

Mas outra vez há problemas aqui. Por um lado, nem toda pessoa é mística, nem todos são capazes de ter uma experiência desse tipo. Por outro lado, qualquer experiência assim é necessariamente passageira; deve desvanecer-se ao entrar em contato com as realidades da vida cotidiana. Pode deixar um efeito, mas não pode ser uma experiência contínua. O êxtase é um privilégio dos poucos; é sempre uma experiência excepcional.

(c) Então, se o conhecimento de Jesus Cristo não vem mediante a especulação filosófica nem mediante a experiência mística, como é e como vem? No Novo Testamento o conhecimento se caracteriza por ser conhecimento *pessoal*. Paulo não diz: "Eu sei *o que* cri" mas sim "Eu sei em *quem* tenho crido" (2 Timóteo 1:12). O conhecimento cristão de Cristo é amizade pessoal com Cristo, é conhecê-lo como pessoa, é ir penetrando dia após dia numa mais próxima e mais íntima relação com Ele.

Quando Pedro fala da graça e da paz que vêm através do conhecimento de Deus e de Jesus Cristo, não está intelectualizando a religião; está dizendo que o cristianismo significa uma crescente relação pessoal com Jesus Cristo.

A GRANDEZA DE JESUS CRISTO PARA OS HOMENS

2 Pedro 1:3-7

Na primeira parte desta passagem, nos versículos 3 e 4 há uma soberba biografia integral de Jesus Cristo.

(1) Ele é o Cristo de poder. No há poder divino que não pode, em última instância, ser derrotado nem frustrado. Uma das tragédias da vida neste mundo humano é que o amor seja tão freqüentemente frustrado

porque não pode dar o que quer dar; o amor não pode fazer o que quer fazer, muitas vezes tem que permanecer impotente enquanto o ser amado enfrenta o desastre. Mas sempre é preciso lembrar que o amor de Cristo está respaldado por seu poder, e que, portanto, é um amor vitorioso.

(2) Ele é o Cristo da generosidade. Outorga-nos todas as coisas necessárias para a verdadeira vida e para a Verdadeira., religião. É necessário assinalar que a palavra que Pedro usa" para religião é *eusebeia* e que o significado característico de, este vocábulo é *religião prática*. Pedro está assim expressando que Jesus Cristo nos diz o que é a vida e logo nos capacita para vivê-la como tem que ser vivida. Ele nos dá uma religião que não é uma retirada da vida, mas sim um triunfante envolver-se nela.

(3) Ele é o Cristo das preciosas e maiores promessas. Isto não significa tanto que Ele nos formula grandes e muito valiosos promessas como que nele estas promessas se fazem realidade. Paulo refere-se ao mesmo com outras palavras quando diz que todas as promessas de Deus são Sim e Amém em Cristo (2 Coríntios 1:20). Quer dizer que Cristo diz: "Sim, que assim seja" a todas as promessas de Deus. Ele as confirma e as garante. Ou expresso de outra maneira: uma vez que conhecemos Cristo, em cada oportunidade que nos encontramos com uma promessa na Escritura que começa com as palavras "todo aquele" podemos imediatamente nos dizer a nós mesmos: "Isto é para mim".

(4) Ele é o Cristo mediante o qual escapamos da corrupção. Pedro teve que enfrentar aos antinomianos, esta gente que usava a graça de Deus como pretexto e razão para pecar. Afirmavam que a graça era o maior coisa que havia no mundo e que era o suficientemente ampla para cobrir todo pecado. Por conseguinte, por que afligir-se pelo pecado? O pecado já não tem importância. A graça de Cristo obterá perdão. O que o pecado faz é dar a esta maravilhosa graça novas oportunidades para operar e abundar... Mas qualquer que fale assim estará mostrando uma inclinação ao pecado. O que tal pessoa *quer* é pecar. Entretanto, Jesus Cristo pode nos livrar da fascinação das concupiscências do mundo, e

pode nos limpar e nos purificar mediante sua presença e seu poder. Andar com Cristo é andar livres das manchas do mundo. É bem verdade que enquanto vivamos neste mundo o pecado nunca perderá por completo sua fascinação sobre nós, mas na presença de Cristo temos nossa defesa contra toda essa fascinação.

(5) Ele é o *Cristo que nos faz partícipes da natureza divina*. Novamente aqui Pedro está usando uma expressão que os pensadores pagãos conheciam bem. Estes falavam muito de participar da natureza divina. Não obstante, havia esta diferença: esses pensadores criam que o homem como tal tinha parte na natureza divina. Consideravam o homem como essencialmente divino, como se o fosse completamente por si mesmo. Tudo o que o homem tinha que fazer era viver conforme à natureza divina que já estava nele. O problema com esta teoria é que a vida a contradiz totalmente. Por todos lados vemos amargura, ódio, crime; por todos os lados observamos fracassos morais, impotência moral, frustração moral; em todo tempo vemos como o homem fracassa por completo no logro de seus ideais e é totalmente impotente para tornar seus sonhos realidade. O que diz o cristianismo é que os homens são *capazes de chegar a ser* participantes da natureza divina. O cristianismo encara os atos humanos em forma realista mas, ao mesmo tempo, não fixa limites às potencialidades do homem. "Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância" (João 10:10). Como o expressou um dos grandes pais da Igreja primitiva, "Ele se tornou o que nós somos para nos tornar o que Ele é". O homem tem em si mesmo nada menos que a possibilidade de participar da natureza de Deus, mas somente em Jesus Cristo esse destino se realiza, e somente nEle essa potencialidade pode tornar-se realidade.

O EQUIPAMENTO PARA O CAMINHO

2 Pedro 1:3-7 (continuação)

Nesta passagem Pedro nos recomenda reunir todas nossas energias para nos equipar com uma série de grandes qualidades e virtudes. A palavra que nossa versão traduz *acrescentar*, no grego é *epicoregein*. Trata-se de um vocábulo muito interessante. É o mesmo que aparece no versículo 11 onde se fala de *outorgar ampla e generosa* entrada no Reino eterno.

Esta é uma das muitas palavras gregas que têm um pano de fundo vívido e pictórico. O verbo *epicoregein* vem do essencial *coregos* que, literalmente, significa *diretor de coro*. Talvez o maior legado que a Grécia e especialmente Atenas deixou à humanidade sejam as grandes comédias e dramas de homens tais como Tosquio, Sófocles e Eurípidés; obras de literatura e de arte que ainda hoje se contam entre os tesouros mais apreciados universalmente. Todas essas representações necessitavam grandes coros, pois estes formavam parte integrante do espetáculo. Por conseguinte, era muito custoso produzir tais grandiosas representações.

Nos tempos do esplendor de Atenas havia cidadãos dotados de espírito público que gostosamente assumiam, a seus próprios gastos, a responsabilidade de reunir, manter, preparar e equipar esses agrupamentos corais. Essas representações eram oferecidas em ocasião dos grandes festivais religiosos.

Por exemplo, na cidade do Dionisópolis se representavam três tragédias, cinco comédias e cinco ditirambos. Era necessário encontrar pessoas que buscassem, equipassem e preparassem a tais coros para todas essas representações. Tudo isto podia custar ao doador até a soma de 3.000 dracmas; e era motivo de orgulho para tais pessoas preparar e equipar os agrupamentos corais tão excelente e esplendidamente como pudessem. Os homens que assumiam esta obrigação voluntariamente e a seus próprios gastos e como fruto de seu amor pela cidade eram

chamados *coregoi*, e o verbo *coregein* descreve a ação de assumir tal obrigação. A palavra, portanto, implica certa prodigalidade. Nunca significa prover com restantes ou com refugos, numa forma mesquinha; significa esplendidez e prodigalidade para brindar tudo o que seja necessário para uma representação de alta qualidade. A palavra *epicoregein* começou a ser usada em círculos mais amplos e chegou a significar não só dotar um coro, mas também fazer-se responsável por qualquer tipo de equipe: podia tratar-se de dotar um exército de todas as provisões e bagagens necessárias; podia significar dotar a alma de todas as virtudes necessárias e belas para a vida. Mas sempre no pano de fundo desta palavra existe a idéia de boa disposição e pródiga generosidade para equipar e dotar.

De maneira que Pedro insiste com seus leitores para que provejam ("acrescentem") a sua vida toda virtude, e para que este agregado não seja somente num grau mínimo mas sim abundante e amplo. A mesma palavra é uma exortação a não conformar-se com menos que a vida mais bela e esplêndida.

Mas há ainda algo no pano de fundo de tudo isto. Nos versos 5 e 6 o apóstolo segue dizendo que temos que *acrescentar* virtude à virtude até que tudo culmine em amor cristão. Depois disto há uma idéia estóica. Os estóicos insistiam em que continuamente tem que haver o que eles chamavam *prokope*, quer dizer: progresso moral. A palavra *prokope* pode ser utilizada para expressar a idéia do *avanço de um exército para o seu objetivo*. Na vida cristã tem que haver este firme avanço moral. Moffatt cita este dito: "a vida cristã não deve ser um espasmo inicial seguido por uma inércia crônica". É muito natural que seja assim, é muito próprio que haja um momento de entusiasmo em que se vislumbra a maravilha do cristianismo e que, depois, não se consiga desenvolver a vida cristã na forma de um contínuo progresso.

Isto nos conduz ainda a outra idéia básica. Pedro exorta a sua gente a *pôr toda diligência* nisso. Quer dizer: na vida cristã o supremo esforço do homem tem que ser cooperar com a graça de Deus. Como o expressa

Paulo, “desenvolvi a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade” (Filipenses 2:12-13). É bem verdade que tudo é por fé, mas uma fé que não se manifesta na vida não é de modo nenhum fé, com o que Paulo teria estado de acordo. Ter fé não só é entregar-se e confiar nas promessas de Cristo; é entregar-se às demandas de Cristo.

Acertadamente destaca Bigg que Aristóteles em sua *Ética a Nicómaco* inclui uma discussão a respeito da fonte da felicidade.

(1) A felicidade é algo a que pode chegar-se mediante preparação, estudo e formação de hábitos corretos.

(2) A felicidade é algo que Deus adjudica, é um dom de Deus.

(3) A felicidade é toda uma questão de sorte e está à mercê da inconstante fortuna. A verdade é que, do ponto de vista cristão, a felicidade depende tanto da dádiva de Deus como de nosso próprio esforço. Embora não ganhamos nossa própria salvação, temos ao mesmo tempo que reunir todas as nossas energias e as usar para avançar rumo ao objetivo cristão de uma vida nobre, Bengel, ao comentar esta passagem, pede-nos que comparemos a parábola das Dez Virgens — cinco das quais eram prudentes e as outras cinco insensatas — e adiciona: "A chama é aquilo que nos é repartido por Deus sem trabalho algum de nossa parte; mas o azeite é o que temos que pôr em nossa vida mediante o estudo e o esforço leal, de maneira que a chama possa ser alimentada e aumentada".

A fé não exime o homem das obras; a generosidade de Deus não releva ao homem de seu próprio esforço. A vida alcança sua culminação quando nosso esforço coopera com a graça de Deus para produzir o excelente e o muito nobre.

A ESCALA DE VIRTUDES

2 Pedro 1:3-7 (continuação)

Vejam pois a lista de virtudes que devem ser acrescentadas umas a outras. Vale a pena destacar que no mundo antigo tais listas eram

muito comuns. Era aquele um mundo no qual os livros não eram nem tão abundantes nem tão baratos nem tão fáceis de conseguir como hoje. Portanto, o aluno tinha que levar a informação principalmente na mente. As listas fáceis de memorizar, portanto, eram um dos meios mais comuns de repartir ensino.

Um recurso engenhoso para ensinar o menino os nomes das virtudes era mediante um jogo de fichas que podiam ser ganhas ou perdidas, cada uma dessas fichas trazia o nome de uma das virtudes. As listas de virtudes são comuns no Novo Testamento. Paulo enumera os frutos do Espírito: amor, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, fé, mansidão, domínio próprio (Gálatas 5:22-23). Nas Epístolas Pastorais pede-se ao homem de Deus para seguir a justiça, a bondade, a fé, o amor, a paciência, a humildade (Timóteo 6:11).

No *Pastor de Hermas* (*Visões* 3.8.1-7) a fé, o domínio próprio, a simplicidade, a inocência, a reverência, a compreensão e o amor são filhas umas das outras. Na Epístola de Barnabé (2) o temor e a paciência são os ajudadores da fé; a paciência e o domínio próprio são nossos aliados, e quando estes se acham presentes o homem desenvolve e possui sabedoria, prudência, compreensão e conhecimento.

Vejamus então uma após outra as etapas desta lista que a Carta nos oferece.

(1) Começa com a *fé* (*pistis*). Tudo procede disto. E para Pedro a fé é a convicção de que o que Jesus Cristo diz é a verdade, a plena certeza de que podemos nos entregar e confiar em suas promessas, nos submeter completamente a suas demandas. É a indisputável certeza de que o caminho a à paz e à fortaleza, tanto neste mundo como no céu, é aceitá-lo a sua palavra.

(2) À fé deve acrescentar a *virtude* e que também poderíamos chamar *coragem*. A palavra grega é *arete*; este é um vocábulo muito raro no Novo Testamento, mas trata-se da máxima palavra grega para expressar a idéia de virtude em toda a extensão do termo. Significa

excelência. Há duas direções especiais para as quais se move o sentido deste vocábulo.

(a) Em grego *arete* é o que nós poderíamos chamar eficaz, eficiente, excelente. Vejamos dois exemplos de seu uso em duas esferas completamente distintas: pode usar-se com referência a uma terra fértil e produtiva, de abundantes colheita; e também pode aplicar-se aos poderosos e eficazes atos dos deuses. *Arete* é aquela virtude que faz com que um homem seja um bom cidadão e amigo; é essa virtude que o faz um perito na arte e na técnica do bem viver.

(b) Em grego *arete* freqüentemente significa coragem, bravura. Plutarco diz que Deus é uma esperança de *arete*, de valor, e não uma desculpa para a covardia. Em 2 Macabeus lemos o relato de como Eleazar preferiu morrer antes de falsear as leis de Deus e de seus pais. E a narração conclui dizendo que deixou sua morte como um exemplo de nobre valor (*arete*) e como uma lembrança de sua virtude não só para os jovens, mas também para toda a nação (2 Macabeus 6:31). Nesta passagem não é necessário escolher entre estes dois significados, pois ambos são válidos aqui. A fé tem que resultar não num retirar-se ao claustro e à cela, mas em uma vida que é eficaz para o serviço de Deus e do homem; a fé sempre tem que resultar em valor para mostrar a quem se pertence e a quem se serve.

(3) À coragem deve ser acrescentado o conhecimento. A palavra grega é *gnosis*. No vocabulário ético grego há duas palavras que têm um significado muito similar mas com uma diferença significativa. *Sofia* é sabedoria no sentido de "as coisas tão humanas como divinas e suas causas". *Sofia* é o conhecimento das primeiras causas, das coisas profundas e definitivas. Por outro lado, *gnosis* é conhecimento prático; é o conhecimento do que é preciso fazer numa dada situação; é o conhecimento de como aplicar a situações particulares o conhecimento definitivo que dá a *sofia*. *Gnosis* é aquele conhecimento que capacita o homem a decidir corretamente e a agir honorável e eficazmente nas circunstâncias e situações da vida cotidiana. De maneira que, então, à fé

tem que ser acrescentada a coragem e a eficácia; e à coragem e à eficácia tem que lhe ser acrescentada a sabedoria prática para enfrentar a vida.

A ESCALA DE VIRTUDES

2 Pedro 1:3-7 (continuação)

(4) A este conhecimento prático deve ser agregado o *domínio próprio*. A palavra grega é aqui *egkrateia* que, literalmente, significa a *capacidade de enfrentar-se consigo mesmo*. Esta é uma virtude da qual os grandes gregos falaram, escreveram e pensaram muito. Quanto ao homem e suas paixões Aristóteles distingue quatro etapas na vida. Está a *sofrosune*, na qual a paixão foi inteiramente subjugada à razão; a luta foi ganha e a razão reina suprema; podemos chamá-la a perfeita temperança. Está a *akolasia* que é precisamente o oposto: o estado no qual a razão se acha completamente subordinada à paixão; a luta está perdida e a paixão reina suprema; podemos chamá-lo *apetite desenfreado*. Em meio destes dois estados encontra-se a *akrasia*, na qual a razão luta mas a paixão prevalece; a batalha ainda está sendo travada mas, no momento, é uma batalha perdida; podemos chamá-la *incontinência*. E existe *egkrateia* na qual a razão luta contra a paixão e prevalece; a batalha está ainda em processo, mas já é uma batalha ganha; é o que chamaríamos *domínio próprio*.

Esta *egkrateia* é uma das grandes virtudes cristãs e o lugar que ela tem na ética cristã é um exemplo do realismo desta última. A ética cristã não contempla uma situação na qual o homem é amputado de toda paixão e privado de sua virilidade, numa situação na qual ele é castrado e esterilizado de toda paixão. Pelo contrário, a ética cristã prevê uma situação na qual os instintos humanos e as paixões humanas subsistem, mas subsistem sob controle, dominados e desta maneira se tornam servos e não tiranos.

(5) A este domínio próprio deve ser acrescentada a *paciência*. Aqui a palavra grega é *hupomone*. Crisóstomo chamou-a como "a rainha das

virtudes". Em nossa versão esta palavra foi traduzida como *paciência*, mas paciência é uma palavra muito passiva. Em grego *hupomone* tem sempre um sentido básico de coragem, de bravura. Cícero define *patientia*, seu equivalente latino, como "o sofrimento cotidiano e voluntário das coisas duras e difíceis por causa da honra e a utilidade".

Dídimo de Alexandria escreve sobre o temperamento de Jó: "Não é que o homem justo não tenha que ter sentimentos, ainda que pacientemente tenha que suportar as coisas que o afligem; mas é autêntica virtude quando um homem sente profundamente as coisas contra as quais luta mas, não obstante, despreza as tristezas por causa de Deus". Esta paciência (*hupomone*) não é um simples sentar-se, aceitar e suportar. Há sempre um olhar para frente. O autor de Hebreus diz de Jesus que pela alegria posto diante dEle sofreu a cruz, menosprezando o opróbrio (Hebreus 12:2). Isto é *hupomone*. *Hupomone*, a paciência cristã, é essa corajosa aceitação de todo o que a vida pode nos trazer e a capacidade de transformar até o pior evento num passo ascendente no caminho.

(6) A esta paciência deve acrescentar-se a piedade. O vocábulo grego é *eusebeia* e é quase intraduzível. A mesma palavra *piedade* é um termo que às vezes sugere algo que não é totalmente atrativo ou simpático. A grande característica da palavra *eusebeia* é que aponta em duas direções. A pessoa que tem *eusebeia* sempre adora corretamente a Deus e lhe dá o que a ele é devido; mas, além disso, também serve corretamente a seus próximos e lhes dá o que a eles é devido. A pessoa que é *eusebes* (o adjetivo correspondente) é a que está em correta relação tanto com Deus como com seu próximo. *Eusebeia* é piedade e religião, mas o é em seus aspectos mais práticos.

Como melhor podemos ver o significado desta palavra é observando o homem a quem os gregos consideravam o mais belo exemplo. Esse homem era Sócrates, e Xenofonte o descreve assim: "Era tão piedoso e tão devotamente religioso que não queria dar passo alguém sem a vontade do céu; era tão justo e reto que nunca causou nem o mais

insignificante prejuízo a pessoa alguma; tinha tal domínio próprio, era tão temperado que nunca preferiu o mais fácil ao melhor; era tão sensível, tão sábio e tão prudente que nunca se equivocou ao distinguir o melhor do pior" (Xenofonte, *Memorabilia* 1.5.8-11). Em latim a palavra é *pietas*, e Warde Fowler descreve a idéia romana do homem que possuía tal qualidade: "É superior às seduções das paixões individuais e da egoísta brandura; (*a pietas* é) um sentido do dever que nunca abandona o homem, um dever primeiro para com os deuses, depois para com o pai e a família, para com o filho e a filha, para com sua gente e sua nação".

Eusebeia é a palavra grega mais semelhante a religião. E sempre que começamos a defini-la e a ver o que ela significa, imediatamente comprovamos o caráter altamente prático da religião cristã. Sempre que uma pessoa faz-se cristã reconhece seu dobro obrigação: uma obrigação para com Deus e outra para com seu próximo.

(7) A esta piedade deve adicionar-se o amor fraternal. Aqui a palavra grega é *filadelfia* a qual, literalmente significa "amor dos irmãos". O ponto a destacar aqui é que há uma classe de devoção religiosa que separa o homem de seu próximo. Os clamores de seu próximo se tornam uma interferência para suas orações, para seu estudo da palavra de Deus e para sua meditação. As demandas comuns da relação humana tornam-se para ele simplesmente numa moléstia.

Epicteto, o grande filósofo estoíco, nunca se casou. Meio em brincadeira disse que estava fazendo muito mais em favor do mundo sendo um filósofo desenfreado que se tivesse produzido "duas ou três criaturas mucosas" e acrescentava: "Como pode aquele que tem que ensinar à humanidade, correr em busca de água quente para banhar a uma criatura?"

Pelo contrário, o que Pedro está dizendo aqui é que há algo que anda mal na religião que sempre encontra um incômodo e uma interrupção nas exigências das relações pessoais.

(8) Toda a escala da virtude cristã tem que finalizar no amor cristão. Nem mesmo o afeto pelos irmãos é suficiente; o cristão tem que chegar a

um amor tão amplo e inclusivo como o amor de Deus, que faz com que seu Sol saia sobre justos e injustos, e que chova sobre maus e bons. O cristão tem que finalizar mostrando a todos o amor que Deus mostrou a ele próprio.

EM MARCHA

2 Pedro 1:8-11

Aqui Pedro exorta energicamente a seus leitores a que sigam subindo por esta escala de virtudes que pôs diante deles e a que se mantenham em marcha permanente. Quanto mais conhecemos de um assunto dado, quanto mais capacitados estamos para conhecer mais. Sempre é certo aquilo de "quem tem lhe será dado mais". O progresso é o caminho ao progresso. Moffatt diz de nós mesmos e de Jesus Cristo: "Aprendemos dEle à medida que vivemos com Ele e para Ele".

Manter-se subindo na escala de virtudes é chegar cada vez mais e mais perto do conhecimento de Jesus Cristo; e quanto mais ascendamos tanto mais capazes seremos de ascender mais ainda.

Por outro lado, se nos negarmos a fazer o esforço de ascender sucederão certas coisas.

(a) Iremos ficando cegos, ficaremos sem a luz orientadora que traz o conhecimento de Jesus Cristo. Tal como Pedro o observa, andar sem Cristo é necessariamente andar na escuridão, é ser incapaz de ver o caminho.

(b) Vamos convertendo-nos no que Pedro chama *muopazon*. Esta palavra pode ter um de dois significados. Pode significar ser *curto de vista*. É fácil ficar curto de vista na vida, ver as coisas só como elas aparecem no momento e ser incapazes das ver em perspectiva, em profundidade; ter os olhos tão fixos na Terra que nunca pensemos nas coisas que estão mais além. Mas também pode significar *pestanejar, fechar os olhos*. Também é fácil na vida fechar os olhos diante daquilo que não queremos ver; andar — como se disséssemos — com óculos,

limitando nossa vista ao que desejamos ver no mundo e em nós. Andar sem Cristo é cair no perigo de adotar um conceito míope ou limitado da vida.

Além disso — diz Pedro — não subir na escala da virtude é esquecer que os pecados da velha vida foram lavados. Aqui o apóstolo está pensando no batismo. Naqueles tempos o batismo era para os adultos; era uma deliberada decisão mediante a qual se deixava o velho caminho e se ingressava no novo. A pessoa que depois do batismo não começa a ascender e a tomar o caminho ascendente esqueceu, ou nunca entendeu, a experiência através da qual passou. Para muitos de nós o paralelo do batismo é o ingresso na comunidade da Igreja. Tornar-se membro e depois permanecer exatamente igual a antes, é não entender o que significa ser membro da Igreja. Nosso ingresso nela tem que ser o primeiro passo no caminho para cima e para frente.

Em vista de tudo isto Pedro insiste com seu povo a fazer um verdadeiro esforço para confirmar o chamado que recebeu de Deus. Aqui temos uma demanda muito significativa. Num sentido tudo é de Deus; é o chamado de Deus o que nos dá acesso à comunhão com seu povo; sem sua graça e sem sua misericórdia não poderíamos fazer nada nem tampouco esperar nada. Sua chamada é a chamada a desfrutar do privilégio de ter comunhão com Ele. Mas isto não nos exime de esforço algum.

Usemos uma analogia que, mesmo sem ser perfeita nem completa nos ajudará a entender. Suponhamos que um homem abastado e bondoso escolhe a um rapaz pobre e lhe oferece o privilégio de receber educação universitária. O benfeitor lhe está concedendo assim ao rapaz algo que este nunca poderia ser alcançado por seus próprios meios, está pondo diante dele um imenso e inesperado privilégio. Mas o rapaz não pode desfrutar dessa extraordinária concessão a menos que se disponha a trabalhar, a estudar e a lutar e quanto mais duro trabalhe tanto mais desfrutará do privilégio que lhe foi outorgado. A oferta gratuita e o duro trabalho pessoal têm que combinar-se antes de que o privilégio se faça

plenamente efetivo. Assim sucede com Deus e conosco. Deus nos chamou à sua misericórdia gratuita e à sua imerecida graça mas, ao mesmo tempo, temos que nos esforçar ao máximo em nosso caminho avançando e ascendendo.

Se seguirmos este caminho ascendente — diz Pedro — no final seremos ricamente dotados com o direito de ingressar no Reino eterno de Deus e não escorregaremos no caminho. O apóstolo não está querendo dizer com isto que nunca pecaremos nem que nunca cometeremos erros. O quadro que tem em mente é o de uma marcha e o que quer dizer é que nunca seremos abandonados nessa marcha. Se nos lançamos neste caminho avançando e ascendendo o esforço será grande mas a ajuda de Deus também o será e, em que pese todas as dificuldades Ele nos capacitará para que não caiamos, mas sim possamos prosseguir até alcançar o fim da marcha.

O CUIDADO DO PASTOR

2 Pedro 1:12-15

Aqui se manifesta o cuidado do pastor. Nesta passagem Pedro nos mostra duas coisas a respeito da pregação do pregador e a instrução e o conselho do mestre. Primeiro, muito freqüentemente a pregação consiste em nos fazer lembrar o que já sabemos. É trazer de volta à memória aquela verdade que esqueceu ou que não queremos olhar, ou cuja significação não valorizamos ou compreendemos plenamente. Freqüentemente ocorre que a tarefa do pregador e a do mestre consistem em dizer: "Lembrem o que sabem, e sejam o que são". Segundo, Pedro vai fazer uma repreensão uma repreensão terminante e formular uma muito clara e terminante advertência, mas começa com algo muito semelhante a um elogio. Começa dizendo que seus leitores possuem já a verdade e estão firmemente estabelecidos nela. Sempre será verdade que um pregador, um mestre, um pai obterá mais mediante o estímulo que mediante a repreensão. Faremos mais para reformar as pessoas e as

confirmar apelando à sua honra que as esfolando com ultrajes e recriminações. Pedro demonstrou ser sábio. Sabia bem que o essencial para fazer escutar os seres humanos é mostrar-lhes que as pessoas confiam neles.

Nesta passagem o apóstolo contempla sua já próxima morte. Refere-se a seu corpo como seu tabernáculo, como o faz Paulo em 2 Coríntios 5:4. A figura do corpo como um tabernáculo (ou tenda de campanha) chegou a ser favorita para os escritores cristãos primitivos. Diz o autor da Epístola de Diogneto: "A alma imortal habita num tabernáculo mortal". A figura tem sua origem nas jornadas dos patriarcas em seu avanço rumo à Terra Prometida. O cristão sabe muito bem, e o lembra, que sua vida neste mundo não é de residência permanente, mas sim uma viagem para um mundo que está para além. Podemos observar a mesma idéia no versículo 15. Ali Pedro fala de sua próxima morte como de sua partida, seu *êxodo*. Esta palavra êxodo é, é obvio, a que se usa para referir-se à partida do Egito dos filhos de Israel e sua marcha rumo à Terra Prometida. De maneira que Pedro vê a morte não como o final, não como a entrada em um nada e as trevas, mas sim como a entrada na Terra Prometida por Deus.

Pedro diz que Jesus Cristo lhe disse que seu fim chegará logo. Isto pode ser uma alusão à profecia de Jesus que temos em João 21:18-19 onde se prediz que chegará um dia quando Pedro também seria estendido sobre uma cruz. Esse tempo está agora próximo.

Pedro assegura que ele tomará medidas necessárias para que o que tem a dizer-lhes permaneça na memória deles mesmo depois que ele tiver ido embora desta Terra. Isto bem pode ser uma alusão ao Evangelho de Marcos. A tradição assegura em forma conseqüente que o evangelho de Marcos é o material da pregação de Pedro. Irineu diz que depois da morte de Pedro e de Paulo, Marcos, que tinha sido o discípulo e o intérprete de Pedro, reuniu por escrito as coisas que este tinha costumado pregar.

Papias, que viveu pelo fim do século II e recolheu tantas tradições referentes aos primeiros dias da Igreja primitiva, transmite a mesma tradição com relação ao Evangelho de Marcos:

"Marcos, que era o intérprete de Pedro, escreveu com exatidão, ainda que não com ordem, tudo o que pôde recolher com relação ao que Cristo havia dito ou feito. Porque ele não foi ouvinte do Senhor nem um seguidor dele; ele seguiu a Pedro posteriormente, e Pedro adaptou sua instrução às necessidades práticas, sem intenção alguma de oferecer as palavras do Senhor em forma sistemática. De maneira que Marcos não esteve desacertado ao escrever algumas destas coisas de cor, porque sua única preocupação era não omitir nem desvirtuar nada do que tinha escutado".

A tradição em forma conseqüente relaciona a pregação de Pedro e o Evangelho de Marcos. Bem pode ser que esta passagem signifique que o ensino de Pedro ia estar disponível, depois da morte do apóstolo, no Evangelho de Marcos.

De toda maneira, o propósito do pastor era levar à sua gente a verdade de Deus enquanto estivesse vivo, e tomar medidas necessárias para manter essa verdade na memória deles ainda depois que tivesse morrido. O apóstolo escreveu não para preservar seu próprio nome, senão para preservar o nome de Jesus Cristo.

A MENSAGEM E O DIREITO DE DECLARÁ-LA

2 Pedro 1:16-18

Aqui Pedro chega à mensagem que tanto desejava dar a sua gente. A mensagem referente ao "poder e à vinda de nosso Senhor Jesus Cristo". Como veremos muito claramente à medida que avancemos, o grande propósito desta Carta era confirmar os leitores na certeza com relação à Segunda Vinda de Jesus Cristo. Os hereges aos quais Pedro estava atacando já não criam na Segunda Vinda; esta tinha demorado já tanto tempo que muitos começavam a pensar que jamais sucederia.

Segunda Pedro é, acima de tudo, uma Carta que trata de reavivar a crença na Segunda Vinda de Cristo.

Tal é, pois, a mensagem de Pedro. Tendo manifestado isto, passa a referir-se a seu direito a declará-la. Então faz algo que, ao menos à primeira vista, é surpreendente. Seu direito a falar deste assunto se baseia em que ele tinha estado junto com Jesus no Monte da Transfiguração e que ali viu a glória e a honra que lhe foram conferidos e ouviu a voz de Deus falando-lhe de Jesus. Quer dizer, Pedro usa o relato da transfiguração não como um gozo antecipado da ressurreição de Jesus — como geralmente é considerada — mas sim como o gozo antecipado da glória triunfal da Segunda Vinda.

O relato da transfiguração propriamente dito se acha em Mateus 17:1-8; Marcos 9:2-8; Lucas 9:28-36. Estava acertado Pedro ao considerar tal acontecimento como uma predição da Segunda Vinda, antes que como uma prefiguração da ressurreição?

Há algo particularmente significativo com relação ao relato da transfiguração. Nos três evangelhos —Mateus, Marcos e Lucas— segue imediatamente à profecia de Jesus no sentido de que havia junto com Ele alguns que não deixariam este mundo sem antes ver o Filho do Homem vindo em seu Reino (Mateus 16:29; Marcos 9:1; Lucas 9:27). Isto certamente pareceria indicar que a transfiguração e a Segunda Vinda estão de alguma maneira relacionadas.

Seja qual for a forma em que opinemos, isto pelo menos é seguro: que o grande propósito de Pedro ao escrever esta Carta é reconquistar a seus leitores para uma viva crença na Segunda Vinda de Cristo, e que baseie seu direito a fazer isto no que tinha visto estando sobre o Monte da Transfiguração.

No versículo 16 desta passagem há uma palavra muito interessante. Diz o apóstolo: *fomos testemunhas oculares* de sua majestade. A palavra que emprega para expressar a idéia *ser testemunha ocular* é *epoptes*. Segundo o uso do idioma grego na época de Pedro, este era um vocábulo técnico. Já referimos às religiões de mistérios.

Todas elas eram de natureza semelhante a dramas da paixão nas quais se relatava a história de um deus que tinha vivido, sofrido, morto e ressuscitado para nunca mais voltar a morrer. Somente depois de um prolongado curso de instrução e preparação concedia-se a um adorador presenciar a representação de um destes dramas e ter a oportunidade de identificar-se assim com o deus que morreu e ressuscitou. Quando alcançava a condição de ser admitido a uma destas representações era considerado um iniciado. A palavra técnica para descrever tal condição era *epoptes*, quer dizer: estava preparado para desfrutar do privilégio de ser testemunha ocular das experiências do deus. De maneira, pois, que Pedro diz que o cristão é testemunha dos sofrimentos de Cristo. Com os olhos da fé o cristão vê a cruz; na experiência da fé morre com Cristo para o pecado e ressuscita para a justiça. Sua fé o tem feito um com Jesus Cristo em sua morte e em sua ressurreição.

AS PALAVRAS DOS PROFETAS

2 Pedro 1:19-21

Esta é uma passagem particularmente difícil porque em cada uma de suas duas partes o grego pode significar duas coisas muito distintas. Observaremos estas diferentes possibilidades e em cada caso tomaremos primeiro a menos provável.

(1) Em grego a primeira oração desta passagem bem pode significar: "Na profecia temos uma garantia ainda mais segura; isto é, a Segunda Vinda". Se Pedro disse isto, estaria indicando que as palavras dos profetas são uma segurança maior da Segunda Vinda que sua própria experiência sobre o Monte da Transfiguração. Entretanto, por improvável que isto pudesse parecer, não é de modo nenhum impossível que ele haja dito precisamente isso. Quando Pedro escreveu estas palavras havia um extraordinário interesse pelas palavras da profecia; para a gente daquele então a suprema demonstração da verdade cristã residia no cumprimento das profecias. Temos caso após caso de pessoas

que se convertiam no dias da Igreja primitiva, não mediante a leitura dos livros do Novo Testamento, mas sim dos do Antigo, pois viam na vida de Jesus o cumprimento das profecias. Vem muito ao caso dizer aqui que o mais sólido argumento em favor da Segunda Vinda é que os profetas a haviam predito.

(2) Entretanto, cremos que deve ser preferida a segunda tradução possível. Esta passagem poderia igualmente significar: "O que vimos sobre o Monte da Transfiguração faz ainda mais indubitável que aquilo que os profetas disseram a respeito da Segunda Vinda tem que ser certo". Se tomamos neste sentido, significa que a glória de Jesus no Monte da Transfiguração é a mais sólida garantia de que os profetas estavam certo quando predisseram a Segunda Vinda do Senhor.

Seja qual for a maneira em que tomemos isto, o significado é que a glória de Jesus sobre a cúpula da montanha e as visões dos profetas se combinam para certificar que a Segunda Vinda é uma realidade viva que todos devemos esperar e para a qual todos temos que estar preparados.

Não obstante, como já dissemos, também há uma dupla possibilidade com relação à segunda parte desta passagem: "nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação".

(1) Muitos eruditos antigos consideraram que isto significava: "Quando algum dos profetas interpretava uma situação dada na história, ou quando explicava como ia se desenvolver a história, não estava emitindo uma opinião particular, mas sim transmitindo uma revelação que Deus lhe tinha concedido". Este é certamente, um significado perfeitamente possível.

No Antigo Testamento o sinal de um falso profeta era que este falava de si mesmo, em forma particular; não estava dizendo o que Deus lhe tinha confiado. Jeremias condena os falsos profetas: "Falam as visões do seu coração, não o que vem da boca do SENHOR" (Jeremias 23:16). Expressa Ezequiel: "Ai dos profetas loucos, que seguem o seu próprio espírito sem nada ter visto!" (Ezequiel 13:3). Hipólito descreve a forma em que chegam as palavras aos verdadeiros profetas: "Não falavam em

virtude de seu próprio poder, nem proclamavam o que eles mesmos tinham visto, mas sim primeiro lhe era concedida a verdadeira sabedoria mediante a palavra, e depois eram instruídos através de visões".

Se aceitarmos este significado, a passagem quer dizer o seguinte: quando os profetas falavam, não era sua opinião privada o que estavam expressando, nem tampouco uma inteligente conjectura, nem uma predição humana; mas sim que se tratava da revelação de Deus e portanto, suas palavras tinham que ser diligentemente escutadas.

(2) A segunda maneira de entender esta passagem é tomá-la como uma referência à *nossa* interpretação dos profetas. Pedro estava numa situação de enfrentamento com hereges e ímpios que interpretavam as profecias de uma maneira conveniente para eles, tergiversando as mensagens proféticas para fazê-los concordar com seus próprios pontos de vista e seus desejos. Se este for o caso — e pensamos que certamente o é — o que o apóstolo estaria dizendo seria isto: "Ninguém pode ir à Escritura e interpretá-la conforme os seus pontos de vista e opiniões pessoais; não pode interpretar a Escritura e a profecia particularmente e como lhe convém".

Isto é de uma suma importância prática. O que o apóstolo está afirmando é que ninguém tem o direito de interpretar a Escritura por si mesmo e para si mesmo ou, para usar suas próprias palavras, *de particular interpretação*.

Como têm, pois, que ser interpretadas as Escrituras? Para responder a esta interrogante temos que nos formular antes outra pergunta. Como receberam os profetas sua mensagem? Receberam-no mediante o Espírito. Às vezes chegou inclusive a dizer-se que o Espírito de Deus usou os profetas como o escritor usa sua pena ou como um músico utiliza seu instrumento. Pôde inclusive dizer-se que os profetas eram instrumentos completamente passivos em mãos do Espírito de Deus. Em todo caso o Espírito dava ao profeta sua mensagem. A evidente conclusão é que a mensagem profética pode ser interpretada e entendida

só mediante a ajuda do mesmo Espírito. Como Paulo já o disse, as coisas espirituais têm que ser espiritualmente discernidas (1 Coríntios 2:14-15).

Segundo os judeus, o Espírito Santo tinha duas funções: apresentar aos homens a verdade de Deus, e capacitá-los para que entendessem e reconhecessem a verdade que lhes era apresentada. De maneira que, então, a Escritura não tem que ser interpretada mediante o engenho e a inteligência pessoal, e menos ainda mediante o preconceito. A Escritura tem que ser discernida mediante a ajuda do Espírito Santo, pelo fato de que, em primeiro lugar, foi dada pelo Espírito.

Virtualmente, o que é o que isto significa virtualmente? Significa duas coisas.

(a) Através de todas as idades e gerações o Espírito esteve agindo e movendo-se na vida de consagrados estudiosos que sob a guia de Deus investigaram e deram a conhecer a Escritura a todos. Portanto, se desejamos interpretar a Escritura, nunca devemos arrogantemente insistir em que nossa interpretação é a correta, mas sim, com humildade, temos que ir às obras dos grandes e consagrados eruditos para aprender o que eles têm que nos ensinar, pelo fato de que para isso mesmo o Espírito os ensinou.

(b) Mas há mais. O lugar aonde o Espírito de Deus reside especialmente e no qual opera especialmente é a Igreja. Portanto a Escritura tem que ser interpretada à luz do ensino, a crença e a tradição da Igreja. Embora Deus é nosso Pai na fé, a Igreja é nossa mãe na fé.

Se alguém encontrar que sua interpretação da Escritura está em aberta discrepância com o ensino da Igreja, tem que examinar-se humildemente a si mesmo e perguntar-se se seu guia não terão sido seus próprios desejos pessoais antes que a direção do Espírito Santo.

Pedro sublinha que a Escritura não consiste em opiniões pessoais mas na revelação divina aos homens mediante o Espírito de Deus e que, portanto, a interpretação da Escritura não tem que depender de nenhuma opinião humana, mas sim sempre deve ser guiada pelo mesmo Espírito

que guiou os homens eruditos que entregaram seu coração a Cristo, Espírito este que até o dia de hoje age especialmente na Igreja.

2 Pedro 2

Os falsos profetas - 2:1

Os pecados dos falsos profetas e seu fim - 2:1 (cont.)

A obra da falsidade - 2:2-3

O destino dos ímpios e o resgate dos justos - 2:4-11

O quadro do homem ímpio - 2:4-11 (cont.)

Enganar-se a si mesmo e enganar a outros - 2:12-14

O caminho errado - 2:15-16

Os perigos da reincidência - 2:17-22

OS FALSOS PROFETAS

2 Pedro 2:1

Era de esperar que se levantassem falsos profetas e mestres dentro da igreja, pois em cada geração os profetas impostores tinham sido responsáveis por dirigir, extraviando o povo de Deus e de acumular tragédia e desastre sobre a nação. Vale a pena observar os falsos profetas do Antigo Testamento e considerar suas características, pelo fato de que estas reapareceram nos tempos do apóstolo Pedro e seguem fazendo isso até os nossos dias.

(1) Os falsos profetas estavam mais interessados em se tornarem populares que em dizer a verdade. Seu procedimento era dizer ao povo o que o povo desejava ouvir. Anunciavam: "Paz, paz; e não há paz" (Jeremias 6:14). Viam visões de paz quando Deus estava dizendo que não havia paz (Ezequiel 13:16). No tempo de Josafá, Zedequias, o falso profeta colocou uns chifres de ferro e disse que Israel investiria contra os sírios tal como ele investia com aqueles chifres. Micaías, o profeta verdadeiro, predisse o desastre se Josafá ia à guerra. É obvio, Zedequias era popular e, portanto, sua mensagem foi aceito; mas Josafá saiu à

guerra contra os sírios e pereceu tragicamente (1 Reis 22). No tempo de Jeremias, o falso profeta Hananias predisse o rápido fim do poderio de Babilônia enquanto que, por sua vez, Jeremias profetizava a servidão da nação submetida aos babilônios e, é obvio, o profeta que dizia ao povo o que este desejava ouvir era popular (Jeremias 28).

Diógenes, o grande filósofo cínico, falou dos falsos mestres de seu tempo cujo método era seguir aonde os conduzisse o aplauso da multidão. Uma das características do falso profeta é dizer aos homens o que estes querem ouvir, mas nunca lhes manifestar a verdade que precisam ouvir. Sua meta é a popularidade e seu critério o aplauso.

(2) Os falsos profetas estavam interessados em obter benefícios pessoais: "Seus sacerdotes ensinam por preço, e seus profetas adivinham por dinheiro" (Miquéias 3:11). Ensinam por lucro desonesto (Tito 1:11); identificam a piedade com as utilidades, fazendo da religião uma atividade para ganhar dinheiro (1 Timóteo 6:5). Podemos ver estes exploradores dos cristãos operando na Igreja primitiva. Na *Didaquê*, *O Ensino dos Doze Apóstolos*, que poderia ser considerado como o primeiro livro de ritual, estabelece-se que o profeta que peça dinheiro ou que pede uma mesa para comer, é um profeta falso. A *Didaquê* chama tais pessoas de "Traficantes de Cristo" (*Didaquê* II). O profeta falso é uma criatura ambiciosa que considera os homens como incautos que pode explorar para seus próprios fins.

(3) Os falsos profetas são dissolutos em sua própria vida pessoal. Escreve Isaías em 28:7: "O sacerdote e o profeta cambaleiam por causa da bebida forte, são vencidos pelo vinho". E Jeremias 23:14, 32: "Nos profetas de Jerusalém vejo coisa horrenda; cometem adultérios, andam com falsidade e fortalecem as mãos dos malfeitores... "e com as suas mentiras e leviandades fazem errar o meu povo". A vida do falso profeta é uma sedução para fazer o mal ao invés de um atrativo para praticar o bem.

(4) O falso profeta é acima de tudo alguém que afasta outros de Deus em vez de aproximá-los. O profeta e o delirante que convida o

povo, como em Deuteronômio 13:1-5 e 18:20, dizendo “Vamos após outros deuses”, terá que ser destruído sem misericórdia.

Estas eram as características dos falsos profetas no tempo antigo. Estas eram as particularidades dos falsos mestres que perturbavam à grei de Pedro. E até em nossos dias essas características se repetem.

OS PECADOS DOS FALSOS PROFETAS E SEU FIM

Pedro 2:1 (continuação)

Neste versículo Pedro tem algumas coisas a dizer com relação aos falsos profetas e a seus atos.

(1) Introduzem heresias, destrutivas insidiosamente. A palavra grega equivalente a heresia é *hairesis*, vocábulo que tem uma bem curiosa e interessante história. Deriva do verbo grego *haireisthai*, que significa escolher. Originalmente era uma palavra totalmente honorável. Significava apenas uma linha de crença e ação que a pessoa escolhia para si mesma. No próprio Novo Testamento lemos a respeito da *hairesis* dos saduceus, os fariseus e os nazarenos (Atos 5:17; 15:5; 24:5). Era perfeitamente possível falar da *hairesis* de Platão e com isso não fazer outra coisa senão referir-se àqueles que eram platônicos por seu pensamento e filosofia. Era perfeitamente possível falar a respeito de um grupo de doutores que criam e praticavam um certo método de tratamento como uma *hairesis*.

Tudo o que significava *hairesis* era uma crença que a gente tinha escolhido pessoalmente para si e a qual alguém aderira por própria decisão. Mas muito em breve na Igreja cristã o termo *hairesis* mudou de acepção. No pensamento de Paulo as heresias e os cismas aparecem juntos como coisas que devem ser aparentadas (1 Coríntios 11:18-19); *hairesis* (a forma plural) são parte das obras da carne; quem é herege deve ser advertido com relação a seu erro, e até dar-se uma segunda oportunidade, logo depois do qual, se não se emenda, deve ser rejeitado (Tito 3:10).

Por que esta mudança? Tudo reside em que antes da vinda do cristianismo e de Jesus, que é o Caminho, a Verdade e a Vida, não havia tal coisa como uma verdade dada por Deus em forma definitiva. O homem enfrentava com uma série de alternativas, qualquer das quais podia honestamente escolher como sua crença. Mas com a vinda de Cristo também chegou a verdade de Deus e então os homens tiveram que aceitá-la ou rejeitá-la. Em outras palavras: com a revelação de Deus em Cristo já não é questão de escolher a particular linha de pensamento que mais possa apelar a nossa mentalidade, mas sim é questão de aceitar ou de rejeitar a verdade revelada de Deus. Expostas as coisas desta maneira, um herege é alguém que crê o que ele deseja crer em vez de aceitar a verdade de Deus que deve crer.

O que sucedia no caso de Pedro era que certas pessoas que pretendiam ser profetas, insidiosamente estavam persuadindo a outros para que cressem coisas que lhes agradavam ao invés daquilo que Deus tinha revelado como verdadeiro. Mas não se apresentavam como adversários do cristianismo. Longe disso, antes, se mostravam como os mais refinados frutos do pensamento cristão. Insidiosa, inconsciente, imperceptivelmente, em forma tão gradual como sutil as pessoas iam sendo seduzidas, separadas da verdade de Deus e conduzidas a opiniões pessoais humanas. E isto é, precisamente, a heresia.

(2) Estes homens negavam o Senhor que os tinha resgatado. A idéia de Cristo resgatando os seres humanos e comprando-os para si é um conceito que flui através de todo o Novo Testamento. Procede da própria palavra de Jesus Cristo, porque Ele afirmou que tinha vindo para dar sua vida como resgate como muitos (Marcos 10:45). A idéia era de que os homens eram escravos do pecado e da maldade, e que Jesus Cristo os tinha comprado para si mesmo pelo preço de seu próprio sangue para que assim fossem livres. “Por preço fostes comprados; não vos torneis escravos de homens”, diz Paulo em 1 Coríntios 7:23. “Cristo nos resgatou — ou comprou — da maldição da lei” (Gálatas 3:13). No novo canto que se ouça no Apocalipse os exércitos celestiais contam como

Jesus Cristo os comprou com o seu sangue, de toda linhagem, língua e nação (Apocalipse 5:9). Isto, evidentemente, significa duas coisas. Significa que o cristão por direito de compra pertence absolutamente a Cristo. E também significa que uma vida que tanto custou não pode ser desperdiçada no pecado ou em coisas ordinárias e indignas.

Os hereges mencionados na Carta de Pedro estão *negando* o Senhor que os resgatou. O que significa isto? Poderia significar que estão dizendo que não conhecem a Cristo, e poderia significar que estão negando sua autoridade. Mas a coisa não é tão simples e até se poderia agregar que não é tão honesta. Já vimos que estes homens pretendiam ser cristãos; mais ainda, pretendiam ser os cristãos mais sábios e avançados,

Façamos uma analogia humana. Suponhamos que um homem diz que ama a sua esposa, e suponhamos além disso, que este homem em forma constante e deliberada lhe é infiel; com seus atos de infidelidade nega e desmente suas próprias palavras de amor. Suponhamos que um homem proclama sua sincera e eterna amizade com alguém e suponhamos, também, que essa mesma pessoa comporta-se em forma permanentemente desleal e indiferente para com aquele a quem chama seu amigo; em tal caso suas ações negam e desmentem seus protestos de amizade. O que estavam fazendo aqueles ímpios que perturbavam à grei de Pedro era dizer que eles amavam e serviam a Cristo mas, ao mesmo tempo, as coisas que faziam e ensinavam eram uma total negação de Cristo. Uma das formas mais horríveis da negação de Cristo é tentar desfazer tudo o que Ele tem feito, influenciando malignamente naqueles pelos quais Ele morreu.

(3) O fim destes ímpios era sua própria destruição. Insidiosamente estavam introduzindo heresias destrutivas mas estas finalmente os destruiriam a eles mesmos. Não há maneira mais segura de chegar à condenação que ensinar a outros a pecar.

A OBRA DA FALSIDADE**2 Pedro 2:2-3**

Nesta curta passagem vemos quatro coisas com relação aos falsos mestres e a seus ensinamentos.

(1) Vemos a *causa* do falso ensino. A causa é a *avareza*. A palavra grega neste caso é *pleonexia*; *pleon* significa mais e *exia* vem do verbo *echein* que significa ter. *Pleonexia* é, pois, o *desejo de possuir mais*. Mas este vocábulo foi adquirindo um matiz determinado. Nem sempre o desejo de possuir mais é pecado; há muitos casos nos quais isto é um desejo absolutamente honorável, como quando se trata de possuir mais virtude, ou mais conhecimento ou maior idoneidade. Mas *pleonexia* chegou a significar o anseio de possuir aquilo que o homem não tem direito a desejar nem de possuir, e muito menos de tomar para si. Em tal forma chegou a significar a cobiça do dinheiro e outros bens materiais; desejos luxuriosos quanto a outra pessoa; mesquinha ambição de honras, prestígio e poder pessoais. O falso ensino se origina na insalubre ambição de possuir algo que a gente não tem direito de possuir. Procede do desejo nada menos que de ter o lugar de Cristo, porque seu propósito é substituir a verdade de Jesus Cristo pondo em seu lugar as idéias pessoais. O falso mestre é culpado nada menos que de usurpar o lugar de Cristo.

(2) Também vemos o *método* do falso ensino. Seu sistema consiste no uso de argumentos astutamente elaborados. A falsidade é resistida facilmente quando a adverte como tal, mas quando é astutamente disfarçada como verdade é quando se volta uma perigosa ameaça. Há somente uma prova. O ensino de todo mestre deve ser julgado pelas palavras e a presença do próprio Jesus Cristo. Se for feito isso, sua falsidade ficará plenamente revelada.

(3) Vemos o *efeito* do falso ensino. Este efeito é duplo. Alenta a tomar o caminho da descarada imoralidade. A palavra grega é aqui *aselgeia* e, como já vimos, descreve a atitude da pessoa que perdeu a

vergonha. Trata-se do que já passou a etapa em que tentava ocultar o pecado próprio porque tinha vergonha do mesmo. Agora faz o que quer e o faz quando, como e onde quer fazê-lo; não se preocupa com o juízo de Deus nem com o juízo dos homens; não concede valor algum à sua própria reputação. Temos que lembrar o que havia no pano de fundo do ensino destes falsos mestres. Estavam pervertendo a graça de Deus e convertendo-a numa justificação para o pecado. Diziam a outros que a graça era infinita e que, portanto, estavam livres para pecar na forma em que queriam fazê-lo pelo fato de que a graça outorgaria o perdão. Apresentavam a graça de Deus de tal maneira que faziam de «Um uma razão para pecar.

Mas este ensino falso tinha evidentemente um segundo efeito: desprestigiava o cristianismo. Se o cristianismo produzia gente que agia nessa forma, tais pessoas não poderiam, obviamente, ser úteis nem aos cristãos nem à Igreja. Naqueles longínquos dias, tanto como hoje mesmo, cada cristão era — e é — uma boa ou uma má publicidade para a Igreja. Paulo acusava os judeus de ter desprestigiado o nome de Deus (Romanos 2:24). Nas Cartas pastorais as mulheres jovens são exortadas a se comportarem com tal modéstia e castidade que jamais possam desprestigiar à Igreja (Tito 2:5). Tudo ensino que produza uma classe de vida que afaste a outros do cristianismo em vez de atraí-los a Ele, é um falso ensino e é obra dos inimigos de Cristo.

(4) Vemos também o *fim último* deste falso ensino: a destruição. A sentença foi pronunciada sobre os falsos profetas faz já muito tempo; o Antigo Testamento dá a conhecer sua condenação (Deut. 13:1-5). Poderia parecer que tal sentença se tivesse voltado inócua ou se debilitou, mas ainda está em vigor e chegará o dia em que os falsos mestres terão que pagar o terrível preço de sua falsidade. Ninguém que conduza outro por maus caminhos poderá escapar de sua própria condenação.

O DESTINO DOS ÍMPIOS E O RESGATE DOS JUSTOS

2 Pedro 2:4-11

Temos aqui uma passagem que combina um indiscutível poder e, ao mesmo tempo, uma também indubitável escuridão. Sua ardente intensidade retórica resplandece até o dia de hoje, mas está expressa mediante alusões que seriam muito familiares e de aterradores efeitos para aqueles que as ouvia pela primeira vez mas que para nós hoje se tornaram sem sentido e obscuras. Aqui o apóstolo cita três notórios exemplos de pecado e de sua destruição. Em dois destes casos mostra como, quando o pecado foi resistido, os justos foram resgatados e protegidos pela misericórdia e a graça. Vejamos estes exemplos um após outro.

1. O pecado dos anjos

Examinaremos o pano de fundo deste tema tanto no pensamento como na lenda judeus. Mas antes é necessário que consideremos separadamente duas palavras. Pedro diz que Deus condenou os anjos pecadores às mais profundas regiões do inferno. Literalmente em grego expressa que Deus condenou os anjos ao *Tartarus*; o verbo correspondente é *tartaroun*. O *Tartarus* não é de modo nenhum um conceito judeu, mas sim grego. Na mitologia grega o *Tartarus* é o inferno mais baixo; está tão abaixo em relação ao *Hades* como o está a Terra em relação ao Céu. Em especial era o sítio ao qual tinham sido lançados os titãs e os gigantes que se tinham rebelado contra Zeus, o pai dos deuses e dos homens. *Tartarus* era, assim, o inferno mais baixo e terrível no qual aqueles que se haviam amotinado contra o poder divino eram mantidos em eterno castigo.

A segunda palavra que devemos considerar é aquela que se refere às prisões de escuridão. Aqui há uma dúvida. Trata-se de duas palavras gregas, ambas pouco freqüentes, que aparecem confusas nesta passagem.

Uma delas é *siros* ou *seiros*. *Siros* originalmente significava uma grande vasilha de barro para guardar grão. Posteriormente chegou a significar uma espaçosa cova subterrânea onde se armazenavam os cereais, servindo assim como celeiros. Esta palavra *siros* chegou até nós através da língua provençal na forma do vocábulo "silo" usado para descrever essa espécie de torres onde são guardadas os grãos. Mais tarde ainda chegou a significar as fossas cavadas para apanhar lobos ou animais selvagens. Se, pois, aceitamos que esta é a palavra que Pedro usa, e conforme aos melhores manuscritos o é, significará que os anjos ímpios foram lançados em grandes fossas subterrâneas e ali mantidos em escuridão e castigo. Isto se adapta perfeitamente à idéia de um *Tartarus* debaixo dos mais profundos lugares do *Hades*.

Mas há uma palavra muito semelhante — *seira* — que significa *cadeia*. Esta é a palavra traduzida por *prisões de escuridão* (v. 4, *Authorized Version*), e é a mesma que Judas utiliza quando fala das prisões eternas com referência aos anjos ímpios (v. 6). Esta palavra usada por Judas é *desmoi*, equivalente a cadeias ou correntes. Os manuscritos gregos de Segunda Pedro variam entre *seiroi*, poços, covas, e *seirai*, cadeias. Mas os melhores manuscritos têm *seiroi*, covas; portanto podemos aceitar *seiros* como correto (RA, "abismos de trevas"; TB, "abismos de escuridão"; BJ, "abismos tenebrosos").

A história da queda dos anjos está profundamente arraigada no pensamento judeu e experimentou consideráveis modificações no curso do tempo. A narração original nós a encontramos em Gênesis 6:1-5. Ali, tal como ocorre freqüentemente no Antigo Testamento, os anjos são chamados *filhos de Deus*. Em Jó, os *filhos de Deus* fossem apresentar se perante o Senhor e Satanás chega entre eles (Jó 1:6; 2:1; 38:7). O salmista fala dos filhos do Poderoso (89:6). Estes anjos vieram à Terra e seduziram as mulheres mortais. O resultado desta união luxuriosa foi uma raça de gigantes através dos quais chegou a maldade à Terra. Evidentemente trata-se de uma antiqüíssima história que pertence à infância do gênero humano.

Este relato foi amplamente desenvolvido no livro de Enoque e deste é que Pedro toma suas alusões, pelo fato de que em sua época era um livro que todos conheciam. Em Enoque os anjos são chamados "vigilantes". O cabeça de sua rebelião era Semjaza ou Azazel. A instigação deste descenderam sobre o Monte Hermom em dias do Jaredé, pai de Enoque. Tomaram para si mulheres mortais e as instruíram na magia e nas artes que lhes conferiam poderes especiais. Engendraram uma raça de gigantes e os gigantes, por sua vez, engendraram os *nefilim*, gigantes que habitavam na terra de Canaã e daqueles que o povo estava aterrorizado (Números 13:33). Esses gigantes se tornaram canibais e foram culpados de toda classe de luxúria e crimes, em especial de uma insolente arrogância frente a Deus e aos homens.

A literatura apócrifa faz profusa referência a estes gigantes e a seu orgulho. O livro de *Sabedoria* (14:6) relata-nos de que maneira pereceram estes gigantes. *Eclesiástico* (16:7) diz-nos como os antigos gigantes perderam seu poderio devido a sua insensatez. Não possuíam sabedoria e pereceram em sua estultícia (Baruque 3:26-28). Josefo diz que eram arrogantes e depreciativos de tudo o que era bom, que só confiavam em sua própria força (*Antiguidades* 1.3.1). Jó diz que Deus “aos seus anjos atribui imperfeições” (4:18).

Esta velha história faz uma estranha e fugaz aparição nas Cartas de Paulo. Em 1 Coríntios 11:10 o apóstolo diz que as mulheres devem ter cobertos os cabelos na Igreja por causa dos anjos. No pano de fundo desta enigmática afirmação está a antiga crença de que a beleza dos longos cabelos femininos foi o que em tempos antigos induziu o desejo dos anjos, e Paulo quer que estes não sejam novamente tentados. Finalmente até os homens se queixaram da desdita, a miséria e a crueldade trazida ao mundo por estes gigantes através do pecado e dos anjos. O resultado disto foi que Deus enviou a seus arcanjos. Rafael atou as mãos e os pés de Azazel e o jogou nas trevas; Gabriel matou os gigantes, e os "vigilantes", os anjos pecadores, foram jogados no abismo de trevas sob as montanhas durante setenta gerações e depois confinados

ao fogo eterno para sempre jamais. Este é o relato que está na mente de Pedro e que seus leitores conheciam bem. Os anjos tinham pecado e Deus os tinha condenado à destruição sendo confinados em covas e em abismos de trevas e nas profundezas do inferno. Isto é o que lhe sucede ao pecador em rebeldia.

Mas a história não termina aqui, e reaparece em outra de suas formas nesta passagem de Segunda Pedro. No versículo 10 fala-se daquelas cujas vidas estão dominadas pela carne e andam em concupiscência e imundície, desprezando nem senhorio. A palavra para este caso é *kyriotes*, nome de um das categorias de anjos. Estes falam mal das glórias angélicas. Aqui o termo é *doxai*, referente também a uma das hierarquias angélicas. Caluniam os anjos e tentam desprestigiá-los.

Aqui é onde aparece a segunda parte da história. Evidentemente esta tradição a respeito dos anjos é muito antiga e muito primitiva. Por suas características pertence à época mais anterior do gênero humano. Além disso, assim que os homens começaram a pensar e a perceber as implicações destas antigas tradições, o assunto se tornou algo embaraçoso e obscuro pelo fato de que atribui concupiscência aos santos anjos.

De maneira que no judaísmo posterior e também no cristianismo se desenvolveram duas linhas de pensamento.

Em primeiro lugar, negou-se que tal assunto pudesse implicar os anjos de modo nenhum. É declarado que os filhos de Deus eram homens bons, descendentes de Sete e, quanto às filhas dos homens se afirmou que eram más mulheres, filhas de Caim, que corromperam os homens bons. Não há evidência bíblica para fazer esta distinção e aludir o problema.

Em segundo lugar, a lenda foi alegorizada. Filo, por exemplo, assegurava que o relato nunca esteve destinado a ser interpretado literalmente, pois era uma descrição da queda da alma humana sob o ataque sedutor dos prazeres carnis.

Agostinho, por sua vez, afirmou que ninguém pode tomar este relato literalmente e ninguém pode falar a respeito dos anjos dessa maneira.

Cirilo de Alexandria expressou que essa narração não podia ser tomada literalmente pois não disse Jesus que na vida do além os homens seriam como anjos e que não haveria casamentos (Mateus 22:30)?

Crisóstomo afirmou que se o relato for tomado literalmente é pouco menos que uma blasfêmia. E Cirilo chegou a dizer que essa tradição não era outra coisa senão um incentivo a pecar, se for considerado como uma história real e verdadeira a respeito dos anjos.

É evidente que os homens começaram a compreender que esta era uma história muito perigosa. É aqui onde encontramos a chave do que Pedro quer dizer quando fala de homens que desprezam as potestades celestiais e desprestigiam a glória dos anjos falando caluniosamente deles. As pessoas aos quais Pedro está-se opondo estavam fazendo da religião uma desculpa e uma justificação para praticar uma descarada imoralidade.

Cirilo de Alexandria manifesta claramente que em sua época esta história podia ser usada como um incentivo para pecar. Muito provavelmente o que estava sucedendo era que os ímpios da época de Pedro citavam o exemplo dos anjos como uma justificação para seus próprios pecados. Diziam: "Se os anjos chegaram do Céu e tomaram para si mulheres mortais, por que não podemos fazê-lo nós também? O que fizeram os anjos não pode ser mau para os homens." Estavam assim menosprezando os anjos, pondo-os em descrédito, caluniando-os, fazendo da conduta deles uma desculpa para seu próprio pecado.

Mas temos que ir ainda mais adiante nesta passagem que termina muito obscuramente no versículo 11. Diz que os anjos mais fortes e poderosos *não proferem contra elas juízo infamante na presença do Senhor*. O que quer dizer Pedro com isto?

Mais uma vez está aqui expressando-se em forma alegórica, numa forma que seria suficientemente clara para a pessoa daquele tempo mas

que para nós é obscura, pelo fato de que não conhecemos as lendas e tradições às quais se está referindo. Sua referência pode estar relacionada com uma destas duas histórias.

(a) Pode estar aludindo ao incidente ao qual Judas refere-se no versículo 9. Diz-se que ao arcanjo Miguel foi encomendada a missão de sepultar o corpo de Moisés. Satanás reclamou o corpo alegando que o assunto correspondia a ele, porque uma vez Moisés tinha dado morte a um egípcio. Miguel não desatou um furioso ataque contra Satanás, limitou-se a dizer: "O Senhor te repreenda." O importante aqui é que até um anjo tão grande como Miguel não acusou a um anjo das trevas como era Satanás. Deixou o assunto nas mãos de Deus. E se Miguel não desprezou nem atacou um anjo ímpio, como podem os homens fazer baixa acusações contra os anjos de Deus?

(b) Mas Pedro muito bem pode estar referindo-se aqui a posteriores desenvolvimentos do relato de Enoque. Este relata que quando a conduta dos gigantes na Terra se tornou intolerável e insuportável, os homens queixaram-se aos arcanjos Miguel, Uriel, Gabriel e Rafael. Os arcanjos puseram esta queixa em conhecimento de Deus, mas se abstiveram de agir com desprezo com relação aos anjos ímpios responsáveis, não os acusaram, não os caluniaram, simplesmente levaram o assunto perante Deus para que Ele tratasse do mesmo (Enoque 9). Quer dizer que, nem sequer os arcanjos atacaram os anjos ímpios, ao invés disso deixaram todo nas mãos de Deus.

Até onde podemos ver hoje as coisas, a situação que serve de pano de fundo às alusões de Pedro é que os homens ímpios, escravos da concupiscência, pretendiam que os anjos eram seu exemplo e sua justificação. Estavam assim caluniando aos anjos. Pedro lhes faz lembrar que nem sequer os arcanjos se atreveram a acusar a outros anjos, e pergunta como podem os homens atrever-se a fazê-lo.

Esta é uma passagem enigmática e difícil, mas seu significado é claro. Até os próprios anjos foram castigados quando pecaram por sua concupiscência. Quanto mais serão castigados os homens? Os anjos não

puderam rebelar-se contra Deus e escapar às conseqüências dessa rebelião. Como poderão escapar os homens? Os seres humanos não precisam culpar a outros, nem mesmo aos anjos; nada nem ninguém, exceto sua rebelde concupiscência, é responsável pelo pecado que eles cometem.

2. Os homens do dilúvio e o resgate de Noé

O segundo exemplo que Pedro escolhe com relação à destruição da maldade pode dizer-se que é extraído do primeiro. O pecado introduzido no mundo pelos anjos pecadores foi o que conduziu a intolerável situação de pecado que finalizou com a destruição mediante o dilúvio (Gênesis 6:5). Em meio desta destruição Deus não esqueceu aqueles que se tinham chegado a ele, que tinham resistido ao mal e que tinham levado uma vida pura. Noé, junto com outras sete pessoas, foi salvo. Estes sete foram sua esposa, seus filhos Sem, Cam e Jafé e suas respectivas esposas. Na lenda e na tradição judias Noé adquiriu um lugar muito especial. Não só era considerado como um homem que tinha sido salvo, mas também era tido como o pregador que fez o melhor esforço para levar os homens a se voltarem de seus maus caminhos.

Diz Josefo: "Muitos anjos de Deus se deitaram com mulheres e engendraram filhos que foram violentos e desprezaram todo o bem devido ao fato de que confiavam em seu próprio poder... Mas Noé, aborrecido e aflito por este proceder, buscou induzi-los a corrigirem e melhorarem sua conduta" (*Antiguidades* 1.3.1). Noé tinha adquirido a reputação de ser um pregador de Deus em meio de um mundo ímpio.

A ênfase desta passagem não se concentra tanto nas pessoas que foram destruídas como na pessoa de Noé, que foi salvo. Noé é apresentado como o tipo de homem que, no meio da destruição dos ímpios, recebe a salvação de Deus. Noé se destaca por duas qualidades.

(1) Em meio de uma geração rebelde, desobediente e pecadora Noé permaneceu fiel e obediente a Deus. Em tempos posteriores Paulo

insistiria a seus leitores a não conformar-se ao mundo mas, pelo contrário, diferenciar-se do mundo mediante sua própria transformação (Romanos 12:2). Pode dizer-se que freqüentemente o pecado mais perigoso é a conformidade. Ser igual a outros é sempre fácil, mas ser diferente dos demais é invariavelmente difícil. Mas dos dias de Noé e até o presente aquele que quiser ser servo de Deus terá que estar preparado para ser distinto do mundo.

(2) Lendas posteriores recolhem outra característica de Noé. Diz-se que foi pregador da justiça. A palavra usada aqui é *kerux* que, literalmente, significa *arauto*. Epicteto chama o filósofo o *kerux* dos deuses, o *arauto* dos deuses para com os homens. O pregador é o homem que traz um anúncio e uma proclamação de Deus.

Há aqui algo de profunda significação. O homem bom não está preocupado somente com a salvação de sua própria alma, mas sim igualmente o preocupa a salvação da alma do próximo. Para preservar sua pureza e sua inocência não se desliga de seu próximo e vai viver num lugar afastado. Pelo contrário, tem profundo interesse em proclamar a mensagem de Deus a seus semelhantes. Sua inquietação é não só por salvar-se a si mesmo, mas também por resgatar a outros. A salvação nunca pode ser egoísta. Um homem nunca pode reservar-se para si exclusivamente a graça que recebeu. Sua permanente obrigação é levar a luz àqueles que estão em trevas, guiar os extraviados, advertir os que andam por maus caminhos. O homem bom tem que pôr-se a si mesmo no caminho de Deus; assim ele será para os outros como um sinal que indica a rota para com Deus e como uma voz que convida a seguir o caminho ao Pai.

3. A destruição da Sodoma e Gomorra, e o resgate de Ló

O terceiro exemplo do pecado e de sua destruição, e da bondade e de seu resgate apresentado por Pedro é a destruição da Sodoma e Gomorra e o resgate de Ló.

Esta terrível e dramática história está relatada em Gênesis 18 e 19. O relato começa com a oração de Abraão, rogando a Deus que não destrua o justo com o injusto, e com seu rogo de que se tão somente se encontrassem dez justos nestas cidades, os mesmos fossem perdoados (Gênesis 18:16-33).

Segue então um dos mais sombrios e horrendos relatos de todo o Antigo Testamento. Os visitantes angélicos chegam à casa de Ló e este os persuade a permanecerem ali; mas a casa é cercada por homens de Sodoma que pedem que aqueles estrangeiros lhes sejam entregues para abusar deles conforme a seus desejos ímpios e contra a natureza (Gênesis 19:1-11). Por este horrível ato que inclui abuso de hospitalidade, ofendo os anjos e desenfreados desejos contra a natureza, foi selada a condenação de ambas as cidades. Ao cair o castigo do Céu sobre aqueles perversos, Ló e sua família foram salvos, exceto sua esposa que tornou a olhar para trás e se atrasou, ficando transformada numa estátua de sal (Gênesis 19:12-25). “Quando Deus destruiu as cidades da Planície, então se lembrou de Abraão, e tirou a Ló do meio da destruição, quando subverteu as cidades em que Ló habitara” (Gênesis 19:29, TB). Novamente temos aqui a história da destruição do pecado e do resgate dos justos. Mais uma vez, como no caso de Noé, podemos ver em Ló as características do homem justo.

(1) Ló vivia cercado de maldade e a constante visão dessa situação afligia e torturava sua alma. Moffatt nos lembra um pensamento de Newman: "Nossa maior segurança contra o pecado consiste em que nos causa repugnância."

Há nisto algo muito significativo. Frequentemente sucede que quando surgem os males, a pessoa a princípio se escandaliza e se preocupa, mas logo, à medida que passa o tempo, começa a acostumar-se e termina aceitando-os como coisa comum. Há muitas situações pelas quais teríamos que nos escandalizar e nos horrorizar. Em nosso próprio dia temos os problemas da prostituição e a promiscuidade, o alcoolismo, a febre dos jogos de azar, a debilitação dos laços do casamento, a

violência e o crime em geral, as mortes devidas a acidentes de trânsito, as moradias ruins e insalubres, etc. E em muitos casos o mais trágico é que estas horríveis calamidades deixaram que nos comover realmente. Aceitamo-las como parte de um estado normal de coisas. Pode ser que as consideremos como algo lamentável e desgraçado, mas não nos comovem no sentido literal do termo. Pelo bem do mundo e pelo bem de nossas próprias almas devemos manter viva uma sensibilidade que se horrorize diante do pecado e suas conseqüências.

(2) Ló vivia cercado de maldade mas, mesmo assim, pôde manter-se puro no meio dela. No meio da pecaminosidade da Sodoma permaneceu fiel e obediente a Deus. Se o homem aceitar a graça e a presença de Deus e as tem em conta, encontrará nelas um anti-séptico e uma proteção contra a infecção do pecado. Ninguém tem por que ser necessariamente vítima e escravo do ambiente em que lhe cabe viver.

(3) Quando o pior chegou ao extremo, Ló quis romper com aquela atmosfera que o envolvia. Pelo contrário, precisamente por não estar preparada para tal rompimento, sua esposa pereceu.

Há um estranho versículo neste relato. Diz-se que quando Ló deteve-se em sua marcha ao sair da cidade, os mensageiros angélicos tomaram-no pela mão (Gênesis 19:16). Há ocasiões em que a influência do Céu trata até de forçar nosso passo para que saíamos de uma situação ou um ambiente ímpios. Pode ocorrer que uma pessoa se veja frente à alternativa de ter que escolher entre a estabilidade e a segurança por um lado, e a ruptura com o passado e um novo começo pelo outro; e há ocasiões em que uma pessoa pode salvar sua alma unicamente por uma terminante ruptura com sua ocupação, com seu ambiente e com toda sua presente situação, começando tudo de novo. Assim foi como Ló encontrou sua salvação; enquanto que, precisamente por não ter procedido assim, sua mulher perdeu a salvação.

O QUADRO DO HOMEM ÍMPIO**2 Pedro 2:4-11 (continuação)**

Os versículos 9 a 11 desta passagem apresentam um quadro do homem ímpio. Com uns poucos traços, rápidos e vívidos, Pedro pinta as mais destacadas características do homem que com toda propriedade pode ser chamado mau.

(1) É o *homem dominado pelo desejo*. Sua vida está dominada pelos corruptores desejos carnis. O tal é culpado de dois pecados.

(a) Toda pessoa tem dois aspectos em sua natureza. Tem uma natureza física: instintos, paixões e impulsos que compartilha com a criação animal. Estes instintos são bons *se forem mantidos em seu devido lugar*. São necessários para a preservação da vida individual e para a sobrevivência da raça humana, mas devem ser mantidos em seu devido lugar. A palavra *temperamento* literalmente significa *mescla*. A figura no pano de fundo desta palavra é que a natureza humana é uma mescla que combina uma grande variedade de ingredientes. Sabe-se que o poder e a eficácia de qualquer mescla depende de que cada componente esteja em sua devida proporção. Sempre que haja excesso ou falta no caso de qualquer dos ingredientes, a mescla não é o que deveria ser. O ser humano tem uma natureza física e também uma natureza espiritual. A autêntica dignidade depende de uma correta proporção de ambas. O homem dominado pelos desejos carnis permitiu que sua natureza animal usurpe um lugar que não lhe corresponde; permitiu que se altere a proporção dos ingredientes; errou a fórmula da autêntica masculinidade. Primeiro, pois, o homem dominado pelos desejos é aquele que perdeu a noção das corretas proporções da fórmula divina para a natureza humana.

(b) Mas há uma razão para esta perda de equilíbrio, e esta razão não é outra que o *egoísmo*. A raiz do mal é que essa vida está dominada pela carnalidade, está baseada na suposição de que nada há tão importante como a gratificação dos próprios desejos e a expressão dos próprios

sentimentos. Deixou que ter todo respeito ou preocupação por outros. Erigiu-se a si mesmo como centro da cena. O egoísmo e a cobiça andam de mãos dadas. O homem ímpio é aquele que permitiu que um aspecto de sua natureza tenha um lugar maior que aquele que deveria ter, e procedeu assim porque é essencialmente egoísta e não tem consideração alguma por outros.

(2) É um *audaz*. A palavra grega aqui é *tolmetes* que vem do verbo *tolman*, o qual significa *atrever-se*. Há duas classes de atrevimento. Há o atrevimento, a ousadia que é uma nobre atitude, que mostra coragem, arrojo. E está também o atrevimento perverso, a ousadia de fazer o que a pessoa não tem direito algum de fazer. Como diz um dos personagens de Shakespeare: "Atrevo-me a fazer tudo o que corresponde a um homem. Quem ousa fazer mais, não o é." Há certas coisas que a gente não tem direito de atrever-se a fazer. Fazê-lo seria desafiar a consciência e a Lei de Deus. O homem mau é aquele que ousa desafiar a vontade de Deus que conhece.

(3) É *contumaz* (RA., "arrogantes"). Aqui o vocábulo grego é *authades*, termo que deriva de duas palavras: *automóveis*, *próprio*, por si mesmo e *hadon*, *agradar*, usados para referir-se à pessoa que não pensa mas em agradar-se a si mesma. Nesta atitude há sempre um elemento de obstinação. Se um homem for *authades*, nem a lógica, nem o sentido comum, nem as apelações que se lhe façam, nem o sentido de decência impedirão que realize aquilo que já decidiu fazer.

Diz R. C. Trench: "Ao manter suas próprias opiniões obstinadamente e ao afirmar seus próprios direitos se torna desconsiderado com os direitos, as opiniões e os interesses dos demais." A pessoa que é *authades* é obstinada, arrogante e até brutalmente decidida a fazer sua própria vontade. O homem ímpio é aquele que não aprecia nem o conselho humano nem a direção divina.

(4) É o homem que *menospreza* os anjos ("as potestades superiores"). Já vimos como isto se remonta a lendas e tradições hebréias que resultam pouco claras para nós. Entretanto, há aqui um amplo

significado. O homem ímpio é aquele que se empenha em viver num só mundo. Para ele não existe o mundo invisível, carece de toda importância; as influências celestiais não têm efeito algum sobre ele e nunca ouve as vozes do mais além. É do mundo terrestre. Esqueceu que existe um Céu; é cego e surdo às visões e aos chamados do Céu que irrompem através de sua vida.

ENGANAR-SE A SI MESMO E ENGANAR A OUTROS

2 Pedro 2:12-14

Aqui Pedro inicia uma extensa passagem de enérgica denúncia, onde resplandece a ardente chama da indignação moral.

Os ímpios são como animais irracionais; são escravos de instintos que compartilham com as bestas. Mas os animais nasceram para ser capturadas e mortas — diz o apóstolo — pois não têm outro fim ou destino. Há algo autodestrutivo nos prazeres da carne. Fazer de tais prazeres o máximo ideal da existência é uma atitude suicida. Tal prazer é corruptor e leva em si mesmo a semente da degradação e da destruição. O propósito de quem se entrega a tais atos carnis é o prazer, mas o trágico é que no final perde até o próprio deleite que estava buscando. O que Pedro ensina aqui é de valor permanente: se alguém se entrega a estes prazeres carnis e faz deles sua única alegria, finalmente arruína sua saúde física tanto como seu caráter espiritual e mental e, nesta forma, nem sequer poderá desfrutar desses prazeres. Para dizê-lo simples e cruamente: o glutão destrói finalmente seu apetite; o ébrio arruína sua saúde; o sensual destrói seu corpo; o indolente arruína seu caráter e destrói sua paz mental; por algum tempo pode ser que desfrute dessas coisas mas, finalmente, arruína sua saúde, destrói sua mente e seu caráter e começa a experimentar o inferno quando ainda se encontra sobre a Terra.

Tais pessoas consideram como prazer a libertinagem, as orgias e as reuniões de amigos à vista de todos. São manchas na família cristã, são

como defeitos no animal que ia ser devotado a Deus em sacrifício. Mais uma vez devemos assinalar que Pedro está proclamando não só uma verdade religiosa, mas também que se está expressando com o mais sadio senso comum. A experiência demonstra que os prazeres carnis, os festins, os excessos no beber, os prazeres da libertinagem pagam muito baixos dividendos. Perdem em si mesmos seu atrativo de maneira que, à medida que o tempo passa, é cada vez mais difícil satisfazê-los pois exigem cada vez mais. O luxo deve converter-se em maior luxo; o vinho tem que correr mais abundantemente; é preciso fazer tudo para que a sedução seja mais intensa. E assim a capacidade física do homem para desfrutar de tais prazeres vai declinando. Literalmente se entregou a uma vida que não tem futuro e a um prazer que finaliza em dor.

E assim continua Pedro. A frase no versículo 14 (TB) traduzida "Eles têm os olhos cheios de adultério", no grego é muito mais vigorosa, literalmente significa: "Têm os olhos cheios de uma adúltera." Muito provavelmente, como foi sugerido, isto signifique que em cada mulher vêem uma possível adúltera. Consideram a toda mulher com olho calculador e luxurioso, perguntando-se se pode ser persuadida e como pode gratificar seu cobiça. "A mão e o olho são os agentes do pecado", diziam os mestres judeus. Como o assinalou Jesus, tais pessoas olham para cobiçar (Mateus 5:28), chegaram a tais extremos que já não podem olhar sem sentir apetências carnis.

Tal como Pedro apresenta estas atitudes vê-se que há nelas um horrível e deliberado propósito. Essa classe de gente padece uma desenfreada ambição por coisas que não têm direito algum de possuir. Nas traduções faz falta toda a frase para expressar o que diz a palavra grega *pleonexia*. *Pleonexia* significa o desejo de possuir mais daquelas coisas que a gente não tem sequer direito de desejar, e menos de possuir. É um quadro horrível. No original a palavra traduzida *habitudo* é a mesma que se usa para descrever o atleta que está treinado para participar nas competições. Esta gente em realidade treinou, capacitou e ensinou sua mente e seu coração para concentrar-se com exclusividade

nos desejos proibidos. Deliberadamente lutaram contra a consciência até destruí-la; deliberadamente lutaram "contra Deus até expulsar o de suas vidas; deliberadamente pelejaram contra seus melhores e mais nobres desejos até eliminá-los; deliberadamente se prepararam para dedicar-se às coisas proibidas. Suas vidas foram uma horrorosa batalha para destruir a virtude e para capacitar-se nas técnicas do pecado.

Resta nesta passagem ainda outra acusação. Já seria muito lamentável que essa gente se enganasse somente a si mesma, mas o pior é que também enganam a outros. Apanham almas que não estão firmemente estabelecidas na fé. A palavra traduzida *seduzem é deleazein*, que significa *caçar com uma isca*. O homem torna-se realmente mau quando se dedica a fazer com que outros sejam tão maus quanto ele. Toda pessoa terá que assumir a responsabilidade de seus próprios pecados, mas agregar a isto ainda a responsabilidade pelo pecado de outros é a carga intolerável.

O CAMINHO ERRADO

2 Pedro 2:15-16

Pedro assemelha o homem ímpio de seu tempo ao profeta Balaão. Segundo a mentalidade popular e as lendas judias, Balaão tinha chegado a simbolizar todo o falso e pernicioso que pode haver num profeta. O relato correspondente o achamos em Números 22 aos 26. Balaque, rei do Moabe, estava alarmado pelo constante e ao que parecia irresistível avanço dos israelitas. Num intento de deter este avanço mandou buscar Balaão para que amaldiçoasse os israelitas em seu nome. Por isso lhe ofereceu uma vultosa recompensa. Durante todo um dia Balaão negou-se a amaldiçoar os israelitas, mas a narração deixa muito claro que o ambicioso coração de Balaão ansiava obter a estupenda recompensa de Balaque, ainda que tinha temor de recebê-la. Ao segundo requerimento do rei, Balaão foi o suficientemente imprudente para aceitar a entrevista com aquele. Foi durante essa viagem quando a jumenta deteve-se em seu

caminho, porque viu o anjo do Senhor parado na senda, e repreendeu a Balaão.

Como já dissemos, Balaão não sucumbiu nesta ocasião diante do suborno do rei moabita. Mas se alguém desejou alguma vez desesperadamente receber essa classe de dádivas, esse foi precisamente Balaão. Depois deste relato segue em Números 25 outro que refere como os israelitas foram seduzidos a adorarem a Baal e a entrarem em relações sexuais com as mulheres moabitas. Ainda que este capítulo de Números não o diga expressamente, os judeus criam que Balaão estava por trás desta manobra de sedução e que era responsável por desencaminhar os filhos de Israel. E quando os israelitas entraram em posse da terra “também Balaão, filho de Beor, mataram à espada” (Números 31:8). Em vista de tudo isto, Balaão foi embora, tornando-se cada vez mais no tipo e exemplo do falso profeta. Balaão tinha duas características que reapareciam nos homens ímpios do tempo de Pedro.

(1) Balaão era *ambicioso*. À medida que se desenvolve o relato vemos como os dedos de Balaão tremem de ansiedade por conseguir o ouro de Balaque e como lhe brilham de cobiça os olhos. Claro que o obteve mas o mau desejo de tomá-lo esteve presente. Os ímpios do tempo de Pedro eram ambiciosos, estavam dispostos a obter tudo o que pudessem conseguir, estavam dispostos a explorar sua condição de membros da Igreja para obter ímpios benefícios.

(2) Balaão ensinou *Israel a pecar*. Mais que por alguma outra característica, Balaão passou à história como o homem que ensinou Israel a pecar. Tirou o povo do caminho reto e o pôs no caminho tortuoso. Os ímpios contemporâneos do apóstolo Pedro estavam seduzindo os seguidores de Cristo, tirando-os do caminho esboçado por ele e levando-os a quebrantarem os votos de lealdade com que se haviam comprometido com seu Senhor.

Aquele que cobiça lucros e induz a outros a seguir o mau caminho, está condenado para sempre.

OS PERIGOS DA REINCIDÊNCIA**2 Pedro 2:17-22**

Pedro ainda segue aqui fazendo trovejar sua implacável denúncia contra os ímpios.

Eles lisonjeiam somente para enganar. São como poços sem água, como nuvens empurradas pelo vento. Pensemos num viajante ao qual no deserto é-lhe assegurado que um pouco mais adiante encontrará um manancial onde poderá apagar sua sede mas logo, ao chegar a esse local, encontra-o seco. Pensemos no agricultor que roga por chuva para sua ressecada sementeira, e que vê como passam sobre ele aquelas nuvens que prometiam água. Como o expressa Bigg: "Um mestre sem conhecimentos é como um poço sem água." Estes homens eram como os pastores de Milton cujas "famintas ovelhas buscam alimento mas não são alimentadas". Estes homens prometiam um Evangelho mas finalmente não tinham nada que oferecer às almas sedentas.

Seu ensino era uma combinação de arrogância e futilidade. A liberdade cristã tem sempre um perigo em si. Paulo lembra aos seus que certamente foram chamados à liberdade, mas os adverte que não devem usar essa liberdade como ocasião para a carne (Gálatas 5:13). Pedro adverte seus leitores que ainda que sejam verdadeiramente livres não devem por isso usar essa liberdade como uma cobertura de malícia (1 Pedro 2:16). Estes falsos mestres ofereciam liberdade, mas tratava-se de liberdade para pecar tanto como a pessoa quisesse. Apelavam não aos sentimentos nobres, mas sim aos desejos carnis; não ao melhor, mas sim ao pior da natureza humana. Pedro revela claramente por que eles procediam assim. Afirma que eles mesmos eram escravos de suas próprias concupiscências. Disse Sêneca: "Ser escravo de si mesmo é a mais onerosa de todas as servidões"..

Persius dirigiu-se assim aos carnis libertinos de seu tempo: "Têm um amo que cresce dentro desse vosso doente peito". Estes mestres ofereciam liberdade não obstante ser eles mesmos escravos, e a liberdade

que ofereciam era a de tornar-se escravos da corrupção. Sua mensagem era *arrogante*, porque contradizia a mensagem de Cristo e da Igreja. Sua mensagem era, além disso, *fútil*, porque qualquer que a seguisse se encontraria finalmente sendo escravo. Atrás disto está a heresia fundamental que faz com que a graça se converta em desculpa e justificação para o pecado, em lugar de ser estímulo e apelação aos impulsos nobres.

Se eles tinham conhecido o verdadeiro caminho de Cristo e tinham recaído depois, seu caso era ainda pior. Eram como o homem com espírito imundo cujo último estado resultou pior que o primeiro (Mateus 12:45; Lucas 11:26). Se alguém nunca conheceu o caminho reto, não pode ser condenado por não segui-lo. Se nunca ouviu a verdade, se nunca ouviu a mensagem de Cristo, não pode ser condenado por não aceitá-lo e obedecê-lo. Mas se o conheceu e, deliberadamente, toma o caminho oposto, peca contra a luz; conheceu o melhor e escolheu o pior; pecou em que pese ter pleno conhecimento do que está fazendo. E se isto assim, teria sido melhor que nunca tivesse conhecido a verdade porque este conhecimento lhe serve de condenação. Ninguém deveria esquecer a responsabilidade que lhe impõe o conhecimento.

E o apóstolo conclui esta parte expressando seu desprezo. Estes ímpios são como cães que voltam ao seu próprio vômito (Prov. 26:11); ou como a porca que uma vez lavada volta a lançar-se na lama. Estes homens viram a Cristo mas estão tão degradados moralmente por sua própria vontade que preferem antes arrastar-se nas profundidades do pecado que subir às cúpulas da virtude. Há aqui uma tremenda advertência: A pessoa pode chegar a ter os tentáculos do pecado tão bem dispostos em torno de si que a virtude perde toda sua beleza.

2 Pedro 3

[Os princípios da pregação - 3:1-2](#)

[A negação da Segunda Vinda - 3:3-4](#)

[A destruição por água - 3:5-6](#)

Destruição pelo fogo - 3:7

A misericordiosa demora de Deus - 3:8-9

O dia terrível - 3:10

A dinâmica moral - 3:11-14

Apressando o dia - 3:11-14 (cont.)

Falsificadores das Escrituras - 3:15-16

Firme fundamento e contínuo desenvolvimento - 3:17-18

OS PRINCÍPIOS DA PREGAÇÃO

Pedro 3:1-2

Nesta passagem vemos claramente expostos os princípios da pregação que Pedro praticava.

(1) O apóstolo cria no valor da *repetição*. Sabia que as coisas deviam ser repetidas várias vezes para que a verdade penetrasse na mente. Quando Paulo estava escrevendo aos filipenses disse que repetir as coisas várias vezes não o incomodava e que isto era o mais seguro para eles (Filipenses 3:1). Mediante a contínua repetição é como se incorporam na mente do menino os rudimentos do saber. Há aqui algo importante. Bem pode ser que às vezes estejamos muito desejosos de novidades, muito ansiosos de dizer coisas novas, enquanto que o que em realidade é preciso é uma repetição da verdades eternas que somos propensos a esquecer tão facilmente e cujo significado tão freqüentemente nos negamos a ver. Há certos alimentos dos quais nunca nos cansamos e que, por outro lado, são necessários para nosso sustento cotidiano. Assim, por exemplo, falamos do pão de cada dia. Da mesma maneira há certas grandes verdades cristãs que têm que ser repetidas várias vezes e que nunca deveriam ser deslocadas a segundo termo para buscar novidades.

(2) Pedro cria na necessidade de *um aviso*. Várias vezes o Novo Testamento esclarece que a pregação e o ensino freqüentemente são nem tanto para introduzir uma nova verdade como para fazer lembrar o leitor

aquilo que já conhece, e para alentá-lo a viver conforme a isso. Moffatt cita o Dr. Johnson assim: "Nem sempre tem-se em conta que ao homem mais que informá-lo é preciso fazê-lo lembrar". Os gregos falavam do "tempo que apaga as coisas", como se a mente humana fosse um quadro-negro e o tempo uma esponja que passasse sobre este apagando e anulando as lembranças. Com muita freqüência estamos na condição de pessoas que o que necessitamos não é tanto sermos ensinados como sermos lembrados o que já sabemos.

(3) O apóstolo cria *no valor do elogio*. Era sua intenção, segundo ele mesmo o expressa, despertar o *limpo entendimento* (Reina-Valera 1995; a RA traduz *mente esclarecida*; a BJ, *sadio entendimento*) de seus leitores. A palavra traduzida como *limpo* é *eilikrines*, a qual pode ter um destes dois sentidos: (a) pode significar aquilo que é passado pela peneira até que não fique impureza nem escória alguma; (b) pode referir-se àquilo que é tão puro, tão íntegro que pode exibir-se em plena luz do dia.

Platão utilizava esta mesma frase *eilikrines dianoia*, no sentido de *razão pura*; aquela razão que é aguda, clara, pura e não contaminada pela sedutora influência dos sentidos. Podemos chamá-la a razão incontaminada. Ao usar esta frase Pedro apela a seus leitores dando por sentado que têm mentes não contaminadas pela heresia, a incredulidade e os desejos carnis. É como se lhes dissesse: "Vocês são pessoas boas e inteligentes — devem lembrar disto".

O pregador deve enfocar freqüentemente as coisas de tal maneira que não trate os seus ouvintes como miseráveis criaturas merecedoras da condenação, mas sim como vidas preciosas que devem ser salvas. Não são como desperdícios bons unicamente para ser lançados no fogo, mas sim como jóias que têm que ser resgatadas da lama na qual têm caído. Deve-se apelar nem tanto ao pecado inato como à inata nobreza. Sempre adiantaremos mais fazendo sentir que temos confiança nas pessoas que lhes dando a entender nosso desprezo.

(4) Pedro evidentemente cria na *unidade da Escritura*. Distinguiu um propósito nela. Primeiro havia os profetas que predisseram a Cristo; em segundo lugar, o próprio Cristo que veio segundo predito; em terceiro lugar, os apóstolos que divulgaram as boas novas a respeito de Cristo. Para Pedro a Bíblia era um livro centrado em Jesus Cristo. O Antigo Testamento predisse a Cristo; os evangelhos contam a respeito do Cristo que veio; e os apóstolos buscam aos homens a mensagem desse Cristo. A única maneira de ler inteligentemente a Bíblia é pôr a Cristo no centro da mesma. É o livro que começa falando da preparação para a vinda de Cristo; que passa a relatar como veio Cristo; e que finaliza dando a todos o evangelho de Cristo. De principio a fim a mensagem da Bíblia é Cristo.

A NEGAÇÃO DA SEGUNDA VINDA

2 Pedro 3:3-4

Dentre todas as características dos hereges, a que mais afligia a Pedro era que negassem a Segunda Vinda de Jesus. Literalmente a pergunta que faziam era esta: “Onde está a promessa da sua vinda?” Esta era uma forma hebréia de expressar-se que implicava que aquilo pelo qual se estava perguntando não existia absolutamente. “Onde está o Deus do juízo?”, perguntavam os ímpios da época de Malaquias (2:17). “O teu Deus, onde está?”, perguntavam os pagãos ao salmista (Salmo 42:3, 79:10). “Onde está a palavra do SENHOR? Que se cumpra!” (Jeremias 17:15). Em cada caso a implicação da pergunta e a crença de quem interrogava é que a pessoa ou coisa pela qual se estava inquirindo era uma fantasia, algo em realidade não existente. Os hereges da época de Pedro negavam totalmente que Jesus Cristo pudesse vir outra vez.

O melhor será começar resumindo seus argumentos e a resposta que Pedro lhes dá.

O argumento dos adversários de Pedro era possível (v. 4). "O que sucedeu", perguntavam, "com a promessa da Segunda Vinda?" Seu

primeiro raciocínio era que a consumação da promessa já tinha demorado tanto que seria melhor pensar que já não se cumpriria. A Segunda Vinda era para eles algo que teria que ter sucedido há muito tempo, se tinha que suceder, e conceituavam a crença em tal acontecimento como algo que agora era preferível descartar. A segunda afirmação era que seus antepassados tinham morrido e o mundo seguia sendo como sempre tinha sido. Julgavam que nosso universo é caracteristicamente estável e que nele não ocorrem acontecimentos tão extraordinários e convulsivos como a Segunda Vinda.

A resposta de Pedro é também duplo. ocupa-se primeiro do segundo argumento, nos versículos 5 a 7. Seu raciocínio é que, em realidade, este não é um universo estável, pelo fato de que uma vez já foi destruído pela água no tempo do dilúvio e que está aproximando una-se a segunda destruição, desta vez pelo fogo.

A segunda resposta de Pedro se acha nos versículos 8 e 9. Seus adversários falam de uma demora tão prolongada que se pode dar por sentado que já não deve suceder absolutamente aquilo que foi prometido. Pedro responde a isto também com duas razões:

(a) Temos que ver o tempo tal como Deus o vê. Para Deus um dia é como mil anos e mil anos são como um dia. "Deus não paga todos as quinzenas". Dispõe de toda a eternidade para agir. Quando pensamos em Deus temos que abandonar todas as nossas noções a respeito do tempo, pois para Deus o tempo não existe,

(b) Em todo caso, a aparente lentidão de Deus não é de modo nenhum demora. Em realidade é misericórdia. Detém sua mão para dar outra oportunidade aos pecadores, para que se arrependam e possam ser salvos. Deus contém sua mão não por indiferença ou por passividade, senão para dar aos homens outra oportunidade de arrepender-se e de escapar à destruição.

E assim Pedro chega à sua conclusão no versículo 10 dizendo que a Segunda Vinda de Cristo está a caminho; e que virá com terror e destruição repentinas, dissolvendo o universo numa massa derretida.

Finalmente, em vista de tudo o que foi dito, o apóstolo faz uma demanda prática. Se estamos vivendo num universo ao qual Jesus Cristo deve vir, um universo que se apressa rumo à destruição dos ímpios, então não há dúvida de que nos corresponde viver sem mácula e irrepreensíveis para que possamos ser passados por alto e salvos quando o terrível dia finalmente chegar. A Segunda Vinda é usada como um poderoso motivo de emenda moral, para que o homem possa literalmente preparar-se para seu encontro com Deus. Tal é, pois, o esquema geral deste capítulo.

A DESTRUÇÃO PELA ÁGUA

2 Pedro 3:5-6

Este é o primeiro argumento de Pedro para afirmar que o mundo não é eternamente estável, pois as coisas não são perpetuamente e para sempre as mesmas. O que está destacando aqui é que o mundo antigo foi destruído pela água assim como o mundo moderno o será pelo fogo. Entretanto, os detalhes desta passagem são difíceis. Diz que a terra está composta pela água e que pela água subsiste. No relato que o Gênesis faz da criação aparece uma espécie de caos aquático. “O espírito de Deus pairava por sobre as águas... E disse Deus: Haja firmamento no meio das águas e separação entre águas e águas” (Gênesis 1:2, 6). Partindo deste caos aquático foi formado o mundo. Além disso, o mundo é sustentado pela água pelo fato de que mediante as chuvas que caem do céu as terras são fertilizadas. O que Pedro afirma é que o mundo foi criado da água, que dela depende e que pela ação das águas foi destruído o mundo antigo.

Para esclarecer esta passagem devemos notar que a lenda do dilúvio experimentou um desenvolvimento. Foi algo mais que a eliminação dos pecadores: foi o aniquilamento do mundo inteiro. Como ocorre tão freqüentemente em Segunda Pedro e em Judas, a figura no pano de fundo não provém diretamente do Antigo Testamento, mas sim do livro

de Enoque. Ali, em 83:3-5, Enoque tem esta experiência: "Vi em visão como o céu se desabava e caía sobre a terra e onde caiu a terra foi sorvida por um imenso abismo".

Em relatos posteriores o dilúvio incluía não só a eliminação dos pecadores, mas também a total destruição de céu e Terra. De maneira que a advertência que Pedro está fazendo bem pode ser expressa assim: "Vocês dizem que as coisas sempre foram tal como são agora e assim continuarão. Vocês fundamentam suas esperanças sobre a idéia de que este é um universo estável e imutável. Vocês estão enganados. O mundo antigo foi formado da água e sustentado por ela, e pereceu nas inundações do dilúvio. As esperanças de vocês repousam sobre uma idéia errada do que realmente sucedeu na história".

Podemos alegar que esta é uma antiga lenda quase sepultada nas brumosas antiguidades do passado. Mas não podemos chegar a tanto como afirmar que uma passagem como esta não tenha importância nem significação alguma para nós. Quando a despojamos da antiga lenda judia e de seus posteriores desenvolvimentos, ainda fica uma permanente verdade: que o homem que ler a história com olhos abertos e sem preconceitos poderá ver nela a lei moral em operação e a Deus tratando com os homens.

Froude, o grande historiador, expressou que a história é uma voz que ressoa através dos séculos e que, no final, sempre é benigna com os bons e dura com os ímpios. Quando Oliver Cromwell estava planejando a educação de seu filho Ricardo, expressou: "Eu gostaria que conhecesse um pouco de história". Em realidade, o que a história ensina é que no universo há uma ordem moral e que aquele que o desafia o faz para sua própria ruína.

DESTRUIÇÃO PELO FOGO**2 Pedro 3:7**

A convicção de Pedro é que, assim como o mundo antigo foi destruído pela água, assim também o mundo moderno o será pelo fogo. Afirma que isso foi declarado pela "mesma palavra". Com isto quer significar que o Antigo Testamento nos relata o sucedido no passado quando o dilúvio, e que nos adverte a respeito da destruição futura mediante o fogo. Há nos profetas muitas passagens que ele deve ter tomado de forma literal e que deve ter tido em mente. Joel previu um tempo em que Deus mostraria sangue, fogo e colunas de fumaça (Joel 2:30). O salmista utiliza uma figura segundo a qual quando Deus venha, o fogo devorará tudo diante dEle (Salmo 50:3). Isaías fala de fogo consumidor (Isaías 29:6; 30:30). O senhor virá com fogo; mediante fogo e espada o Senhor julgará toda carne (Isaías 66:15-16). Naum diz que as montanhas se derreterão e que a terra arderá em sua presença; sua fúria se derramará como o fogo (Naum 1:5-6). Segundo a figura que utiliza Malaquias, o dia do Senhor será ardente como um forno (4:1). Se as velhas figuras devem ser tomadas literalmente, Pedro teve abundante material para sua profecia.

Também os estóicos tinham uma doutrina sobre a destruição do mundo mediante o fogo. Mas a deles era uma teoria desalentadora, sombria. Sustentavam que o universo completava um ciclo, que era consumido pelas chamas, que depois tudo começava de novo, precisa e exatamente como era antes. Tinham a estranha idéia de que no final do ciclo os planetas ficavam exatamente na mesma posição em que se encontravam quando começou o mundo.

De algum modo "isto produz a conflagração e a destruição de tudo o que existe", diz Crisipo. E acrescenta: "Então o universo é restaurado em forma exatamente igual a como estava disposto anteriormente... Sócrates e Platão, assim como qualquer outra pessoa, tornam viver com os mesmos amigos e com os mesmos concidadãos. Atravessarão pelas

mesmas experiências e desenvolverão as mesmas atividades. Cada cidade, cada aldeia e cada campo é restaurado tal como era anteriormente. E esta restauração do universo tem lugar não somente uma vez, mas sim repetidamente, através de toda a eternidade... Nunca haverá nada novo, mas sim aquilo que já existia antes; tudo se repete até em seus mais insignificantes detalhes." Segundo isto, a história é um eterno moinho que gira sem interrupção. O contínuo e incessante reaparecimento dos pecados, das desditas e dos erros humanos apresenta um dos mais sombrios espetáculos históricos que a mente possa conceber.

É preciso lembrar sempre que, tal como o entendiam os profetas judeus e também Pedro, este mundo seria destruído pelo fogo de Deus. Entretanto, o resultado disto não ia ser a sombria repetição do que já antes tinha sido, mas sim disso resultaria um novo céu e uma nova Terra. Uma coisa é segura do ponto de vista bíblico. Há algo que está fora do alcance da destruição: a nova criação de Deus. O pior o profeta pode conceber não é tanto a agonia do mundo velho como as dores de parto do mundo novo.

A MISERICORDIOSA DEMORA DE DEUS

2 Pedro 3:8-9

Há nesta passagem três grandes verdades que podem dar alimento a nossa mente e descanso a nosso coração.

(1) O tempo não é o mesmo para Deus que para os homens. Diz o salmista: "Pois mil anos, aos teus olhos, são como o dia de ontem que se foi e como a vigília da noite" (Salmo 90:4). Ao pensar nas centenas de milhares de anos que tem o mundo é fácil sentir-se afligido e diminuído; quando pensamos na lentidão do progresso humano é fácil desalentar-se e cair no pessimismo. Mas há consolo em pensar que existe um Deus que tem a seu dispor toda a eternidade para trabalhar nela. Há consolo em lembrar que para Deus mil anos são como um dia. Somente contra a

cortina de fundo da eternidade as coisas aparecem em sua verdadeira proporção e adquirem seu autêntico valor.

(2) Mas também podemos ver por esta passagem que o tempo pode ser considerado como uma oportunidade. Cada dia que vem a nós é uma dádiva de misericórdia. Para Pedro, os anos que Deus concedia ao mundo eram uma nova oportunidade para que os homens se arrependessem e se voltassem para Deus. Cada dia que chega até nós é um dom de Deus. Cada dia é uma oportunidade para nos desenvolver e purificar; para prestar algum serviço a nosso próximo; para dar um passo que nos aproxime a Deus. Faremos bem em não esquecer que o tempo é um dom que Deus nos concede.

(3) Finalmente, nesta passagem há outro eco de uma verdade que com freqüência jaz no pano de fundo do Novo Testamento. Deus — diz o apóstolo — não quer que ninguém pereça. Deus — afirma Paulo — sujeitou todos na desobediência para ter misericórdia de todos (Romanos 11:32). As Epístolas Pastorais numa vigorosa frase afirmam que Deus quer que todos os homens sejam salvos (1 Timóteo 2:4). Ezequiel ouve Deus afirmar: “Porque não tenho prazer na morte de ninguém, diz o SENHOR Deus. Portanto, convertei-vos e vivei” (Ezequiel 18:32).

Várias vezes brilha nas Escrituras o resplendor de uma melhor esperança. Não temos que excluir a idéia de que de algum modo e em algum momento o Deus que amou ao mundo levará consigo ao mundo inteiro.

O DIA TERRÍVEL

2 Pedro 3:10

É inevitável que uma pessoa se expresse nos termos em que lhe são próprios. Isto é precisamente o que Pedro está fazendo aqui. Está referindo-se à doutrina neotestamentária da Segunda Vinda de Jesus Cristo, mas a está descrevendo nos termos da doutrina do Dia do Senhor que corresponde ao Antigo Testamento.

O Dia do Senhor é um conceito que corre através de todos os livros proféticos do Antigo Testamento. Os judeus dividiam o tempo em duas idades. Havia *a idade presente*, a qual era totalmente má, inteiramente entregue ao pecado e sem remédio algum. Não tinha esperança de emenda e estava amadurecida para sua destruição. Por outro lado havia *a idade vindoura*, a divina idade de ouro. De que maneira uma ia se transformar na outra? A mudança não se podia fazer por esforços ou por realizações humanas. Tampouco se podia alcançar por um processo de evolução e desenvolvimento, pelo fato de que o mundo estava a caminho de sua destruição e se achava grandemente doente.

Segundo o ponto de vista judeu, somente havia uma maneira em que o mundo podia ser mudado: pela ação e intervenção diretas de Deus. E chamavam o tempo dessa ação o Dia do Senhor. Ia chegar repentinamente, sem advertência. Ia ser um tempo em que o universo seria comovido até seus alicerces. Seria um tempo em que teria lugar o ajuizamento e a destruição dos pecadores e, portanto, seria um tempo de terror. “Eis que vem o Dia do SENHOR, dia cruel, com ira e ardente furor, para converter a terra em assolação e dela destruir os pecadores” (Isaías 13:9). “O Dia do SENHOR vem, já está próximo; dia de escuridade e densas trevas, dia de nuvens e negridão!” (Joel 2:1-2). “Aquele dia é dia de indignação, dia de angústia e dia de alvoroço e desolação, dia de escuridade e negrume, dia de nuvens e densas trevas” (Sofonias 1:14-18). “O sol se converterá em trevas, e a lua, em sangue, antes que venha o grande e terrível Dia do SENHOR” (Joel 2:30-31). “Porque as estrelas e constelações dos céus não darão a sua luz; o sol, logo ao nascer, se escurecerá, e a lua não fará resplandecer a sua luz... Portanto, farei estremecer os céus; e a terra será sacudida do seu lugar, por causa da ira do SENHOR dos Exércitos e por causa do dia do seu ardente furor” (Isaías 13:10-13).

O que fez Pedro, assim como outros escritores do Novo Testamento, foi identificar as figuras do Antigo Testamento relativas ao Dia do Senhor com o conceito neotestamentário da Segunda Vinda de

Cristo. Sua visão da Segunda Vinda está expressa em termos das figuras do Dia do Senhor a que se faz referência no Antigo Testamento.

Utiliza uma frase muito vívida. Diz que os céus passarão em grande estrondo (*roizedon*). Esta palavra é empregada para descrever o assobio que produz o bater as asas das aves voando, ou o zumbido da lança ao ser arrojada sulcando o ar, ou o crepitar das chamas devoradoras de um incêndio no bosque.

Não é necessário tomar estas figuras num sentido cruamente realista. Todo o conceito da Segunda Vinda está pleno de dificuldades. Mas há um fato que está claro: chega um dia em que Deus irrompe em cada vida, porque há um dia em que havemos morrer; e para esse dia devemos estar preparados. Podemos dizer o que quisermos a respeito da vinda de Cristo considerada como acontecimento futuro. Podemos opinar que esta é uma doutrina que é preciso deixar completamente de lado. Mas o que não podemos evitar é a certeza de que Deus entrará em nossa própria vida como uma realidade sempre presente, e isto com toda certeza.

A DINÂMICA MORAL

Pedro 3:11-14

Pedro está acima de tudo interessado na dinâmica moral da Segunda Vinda. Quer dizer: se estas coisas forem suceder, se o mundo está-se apressando para sua condenação, então obviamente o homem deve viver uma existência de piedade e de santidade. Se há de haver um novo céu e uma nova terra, se este céu e esta terra hão de ser morada de justiça, então é evidente que o homem deve esforçar-se com todas suas energias mentais, morais e físicas para adaptar-se à condição de morador de um mundo novo no qual não haverá lugar para a injustiça.

Para Pedro, como assinala Moffatt "era impossível abandonar a esperança do advento sem experimentar uma deterioração ética". Na prática Pedro estava certo. Se não haver tal coisa como uma Segunda

Vinda, se não há tal coisa como um fim e uma meta à qual se move toda a criação, então a vida não conduz a lugar nenhum. Esta era, precisamente, a posição dos pagãos. Se não há outra meta ou propósito, já seja para o mundo ou para o indivíduo, que a extinção, certas atitudes frente à vida se tornam quase inevitáveis. Estas atitudes aparecem manifestas nos epitáfios das tumbas pagãs.

(1) Se nada há por vir, o homem bem pode então decidir o que melhor lhe pareça quanto aos prazeres deste mundo. Por isso encontramos um epitáfio como o seguinte: "Não fui nada: não sou nada. Portanto, vocês que ainda estão vivos, comam, bebam e estejam alegres". O homem em tal caso faria bem em tirar todo o proveito possível deste mundo presente, já que não haverá outro mundo que possuir.

(2) Se não há nada pelo qual viver, então o homem bem pode ser totalmente indiferente. Se o fim de todo for a extinção na qual o próprio ser humano não estará consciente de seu próprio aniquilamento, nada tem importância. E assim nos encontramos frente a epitáfios que expressam: "Antes não tive existência; agora tampouco a tenho, nem me preocupa". Quando a vida e o mundo estão a caminho rumo ao nada, o valor de existência se evaporou.

(3) Se não há nada que esperar a não ser a extinção, e se o mundo não vai a lugar nenhum, então pode entrar na vida um sentido de frustração. O ser humano perde toda moção de ser um peregrino pelo fato de que já não há lugar ao qual possa peregrinar. Somente pode andar à deriva como extraviado, vindo de um lugar desconhecido e indo para com outro ponto desconhecido. Por isso nos encontramos com epigramas como o seguinte do Calimaco: "Caridas, o que há debaixo?" "Trevas densas". "Mas, é que não há uma vida ascendente." "Todas são falsas". "E Plutão?" (deus dos infernos). "Pura lábia". "Então estamos perdidos". Até os próprios pagãos encontravam uma condição quase intolerável num mundo e numa vida carente de meta.

Quando despojamos a doutrina da Segunda Vinda de toda sua imaginária e de toda sua elaboração local e temporária, ainda subsiste a

tremenda verdade de que a vida vai a caminho para alguma parte — e sem esta convicção não fica literalmente nada pelo qual valha a pena viver.

APRESSANDO O DIA

2 Pedro 3:11-14 (continuação)

Há ainda nesta passagem outro grande conceito. Pedro refere-se ao cristão não somente como alguém que espera ansiosamente a vinda de Cristo, mas também como alguém que em realidade trata de apressá-la. Como é possível apressar a Vinda de Cristo? O próprio Novo Testamento nos diz que há certas maneiras em que isto pode fazer-se.

(1) Pode fazer-se mediante a *oração*. Jesus nos ensinou a orar: "Venha o teu reino" (Mateus 6:10). A fervente oração do cristão apressa a vinda do Rei. Ainda que não o faça em outro sentido, pelo menos faz com que seu próprio coração se abra para que o Rei entre nele.

(2) Pode fazer-se mediante a *pregação*. Mateus nos conta que Jesus advertiu: "E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então, virá o fim" (Mateus 24:14). A todos os seres humanos deve ser dada uma oportunidade para que conheçam e amem a Jesus Cristo antes de que sejam alcançados a meta e o propósito da criação. A atividade missionária da Igreja está apressando a vinda do Rei.

(3) Pode fazer-se mediante *arrependimento e obediência*. Isto deve ter sido o que a mente e o coração de Pedro mais apreciava. Os rabinos tinham dois ditos a respeito: "São os pecados do povo os que impedem a vinda do Messias. Se os judeus se arrependessem verdadeiramente, ainda que tão somente fosse um dia, então o Messias viria". A outra variante desta afirmação significava o mesmo: "Se Israel cumprisse em forma perfeita a lei por um só dia, o Messias já teria vindo". Com atitude contrita e com verdadeira obediência pode o homem abrir seu coração para a vinda do Rei e tornar esta vinda mais próxima para todo mundo.

Bem faremos em lembrar que é nossa própria frieza de coração e nossa desobediência o que está retardando a vinda do Rei.

FALSIFICADORES DAS ESCRITURAS

2 Pedro 3:15-16

Pedro cita aqui a Paulo como ensinando as mesmas coisas que ele ensina. Pode ser que se refira a que Paulo concorda com ele em que é necessária uma vida piedosa e santa em vista da iminente Segunda Vinda de nosso Senhor. Mas é mais provável que se refira a que ambos coincidem em que o fato de que Deus detenha sua mão não deve ser interpretado como demora ou indiferença, mas sim como uma oportunidade para que a raça humano se arrependa, creia no evangelho e aceite a Jesus Cristo. Paulo fala daqueles que desprezam as riquezas da misericórdia e da paciência de Deus e esquecem que sua bondade nos guia ao arrependimento (Romanos 2:4). Mais de uma vez Paulo destaca esta tolerância e paciência de Deus (Romanos 3:25; 9:22). Tanto Pedro como Paulo concordavam em que a tolerância e a paciência divinas, o fato de que Deus retenha sua mão para não castigar, não têm que ser usados como desculpa para pecar, mas sim como um meio de arrependimento e como uma oportunidade de emenda.

Com sua referência a Paulo e com sua velada crítica a este apóstolo, temos aqui uma das passagens mais enigmáticas do Novo Testamento. Foi precisamente esta passagem que convenceu Calvino de que não tinha sido o próprio Pedro quem escreveu esta Epístola pois — segundo ele — Pedro nunca teria falado assim de Paulo. Mas, em realidade, o que é que podemos aprender desta passagem?

(1) Em primeiro lugar descobrimos que já por este tempo as Cartas de Paulo eram lidas através de toda a Igreja. São mencionadas numa forma que torna evidente que já tinham sido reunidas e publicadas e que, além disso, era possível consegui-las normalmente e eram amplamente lidas. Hoje estamos razoavelmente seguros de que isto não ocorreu até

aproximadamente o ano 90 d. C. Ao redor desse ano as Cartas de Paulo foram reunidas e publicadas em Éfeso. Isto significa que esta Epístola, que é Segunda Pedro, não pode ter sido escrita antes e que, portanto, não pode ser realmente obra de Pedro, pelo fato de que este foi martirizado na década do 60 daquele século.

(2) Informa-nos que as Cartas de Paulo tinham chegado a ser consideradas como Escritura. Os inconscientes as desvirtuavam tal como faziam com as outras Escrituras. Isto também leva a provar que Segunda Pedro deve proceder de uma época bastante avançada na história da Igreja primitiva, pelo fato de que teriam sido necessárias várias gerações antes de que as Cartas de Paulo pudessem ser postas ao mesmo nível que os escritos do Antigo Testamento.

(3) É difícil entender qual é a atitude para com Paulo nesta passagem. Paulo escreve, conforme diz esta Carta "segundo a sabedoria que lhe foi dada". Bigg opina que esta frase pode ser tanto um elogio como uma prevenção. A verdade é que Paulo sofreu a sorte de todos os homens destacados. Teve seus críticos. Experimentou os inconvenientes de todos os que enfrentam sem temor os fatos e declaram a verdade. Havia aqueles que o considerava como grande mas perigoso.

(4) Há coisas — diz esta Carta — que nas Epístolas de Paulo são difíceis de entender e que os ignorantes torcem para sua própria ruína. A palavra traduzida *difíceis de entender* é *dušnoetos*. Este termo era usado para referir-se aos pronunciamentos de um oráculo. Como sabemos, as respostas dos oráculos gregos eram sempre ambíguas.

Temos o clássico exemplo de um rei que estava a ponto de sair para a guerra. Consultou o Delfos e foi dada esta resposta: "Se for à guerra, destruirá uma grande nação." O rei tomou isto como uma profecia segundo a qual ele destruiria a seus inimigos. Mas o que em realidade ocorreu foi que ele foi derrotado e assim, por ir a essa guerra, destruiu a seu próprio país. Este é um exemplo da típica ambigüidade dos antigos oráculos. E esta é a mesma palavra que Pedro emprega para referir-se

aos escritos de Paulo. Quer dizer: há nestes algumas coisas que são tão difíceis de interpretar como as respostas dadas pelos oráculos.

Pedro afirma que nos escritos de Paulo não só há pontos difíceis de entender, mas também há coisas que a pessoa pode tergiversar para sua própria destruição. Quais seriam as coisas contidas no pensamento e no ensino de Paulo suscetíveis de ser torcidas, tornando-se algo destrutivo da verdadeira religião? Três coisas acodem imediatamente à mente. A doutrina paulina da *graça* foi, em realidade, desvirtuada e transformada em desculpa, justificação e até razão para pecar (Romanos 6). A doutrina da *liberdade* cristã também foi desvirtuada e transformada em desculpa para cair na libertinagem (Gálatas 5:13). A doutrina de Paulo com relação à *fé* foi transformada em argumento para sugerir que a ação cristã não tinha importância, como vemos em Tiago (2:14-26).

G. K. Chesterton traçou sua famosa imagem da ortodoxia. Expressa este famoso novelista que a ortodoxia era algo assim como caminhar ao longo de um estreito precipício, quase como o fio de uma faca. Um passo a qualquer dos dois lados era um passo rumo ao desastre. Jesus é Deus e homem; Deus é amor e santidade; o cristianismo é graça e moralidade; o cristianismo vive neste mundo e também vive na eternidade, sublinhemos qualquer lado destas grandes verdades e imediatamente surgirá a destruidora heresia. Uma das circunstâncias mais trágicas se produz quando o homem tergiversa a verdade cristã e as Sagradas Escrituras transformando-a em defesa, desculpa e até em razão para fazer o que ele quer e não as aceita como uma guia para fazer o que Deus quer que faça.

FIRME FUNDAMENTO E CONTÍNUO DESENVOLVIMENTO

Pedro 3:17-18

Aqui, na conclusão, Pedro assinala certas características da vida cristã.

(1) O cristão é uma pessoa que está advertida. Quer dizer: não pode alegar ignorância. Conhece o caminho reto e sua recompensa; conhece também o caminho errado e seu desastroso fim. Não tem direito de esperar uma marcha fácil, porque já percebeu que o cristianismo significa a cruz, que sempre haverá aqueles que estejam dispostos e desejosos de atacar e corromper a fé. Estar advertido é também estar preparado, mas a advertência é também responsabilidade grave pelo fato de que aquele que conhece o bem e faz o mal está sob dupla condenação.

(2) O cristão é uma pessoa que tem fundamento para sua vida. Deve estar enraizado e baseado sobre a fé. Há certas coisas a respeito das quais está absolutamente seguro. Existe certa inflexibilidade na vida cristã; determinou bases de fé que nunca mudam. O cristão nunca deixará de crer que "Jesus Cristo é Senhor" (Filipenses 2:11). Nunca deixará de estar consciente de que tem a obrigação de fazer com que sua vida concorde com sua crença.

(3) O cristão é uma pessoa cuja vida está em desenvolvimento. A inflexibilidade da vida cristã não é a rigidez da morte. O cristão tem que experimentar cotidianamente a maravilha da graça; cada dia tem que ir penetrando cada vez mais na maravilha de Jesus Cristo. Unicamente sobre um sólido fundamento pode erguer um elevado edifício; e somente devido a suas profundas raízes pode uma árvore alta elevar seus ramos ao céu. A autêntica vida cristã é, ao mesmo tempo, uma vida com sólido fundamento e em contínuo desenvolvimento, avançando e ascendendo,

E assim termina a Epístola, dando glória a Cristo, agora e até o fim dos tempos.